

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES
PÚBLICAS**

***HABITUS* E EMPREENDEDORISMO LOCAL:
O CASO DE PANAMBI-RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ROSANI ZACHOW

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Zachow, Rosani
HABITUS E EMPREENDEDORISMO LOCAL: O CASO DE PANAMBI-
RS / Rosani Zachow.-2014.
88 p.; 30cm

Orientadora: Dra. Flávia Luciane Scherer
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Administração, RS, 2014

1. Desenvolvimento Local 2. Empreendedorismo 3.
Habitus I. Scherer, Dra. Flávia Luciane II. Título.

HABITUS E EMPREENDEDORISMO LOCAL: O CASO DE PANAMBI-RS

Rosani Zachow

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Públicas do Programa de Pós-Graduação em Administração, Área de Concentração Sistemas de Gestão e Estrutura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - RS), como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Administração.**

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Luciane Scherer

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Administração**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

***HABITUS E EMPREENDEDORISMO LOCAL:
O CASO DE PANAMBI-RS***

elaborada por
ROSANI ZACHOW

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Administração.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Flávia Luciane Scherer, Dra. (UFSM)

(Presidente / Orientadora)

Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr. (UFSM)

CLANDIA MAFFINI GOMES, Dra. (UFSM)

Santa Maria, setembro de 2014

DEDICATÓRIA

Dedico esta minha vitória aos vitóriosos colonizadores de Panambi na figura dos meus antepassados Gottfried Albert Zachow (bisavô), Gustav Zachow (avô) e Paul Schmidt (avô) que contribuíram, na agricultura e na indústria, para a construção da “cidade das máquinas” no belo vale das borboletas azuis.

CHEGADA FAMÍLIA ZACHOW 1913
LOCAL ONDE HOJE É A PRAÇA ENG. WALTER FAULHABER DE PANAMBI



Fonte: Museu e Aquivo Histórico de Panambi

COMEMORAÇÃO DIA DO TRABALHO METALÚGICA FAULHABER



Fonte: Arquivo Pessoal Cecília Grams

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de a cada dia, viver, aprender, sonhar intensamente, jamais desistir de realizar, acreditando que sempre há em que melhorar.

Ao município de Panambi na pessoa do senhor Prefeito Miguel Schmitt-Prym e do Secretário da Agricultura, Indústria, Comércio e Serviços, senhor Júlio Goergen por terem acreditado em mim e propiciado, através do convênio com a UFSM, a oportunidade da qualificação profissional.

À sempre presente Silvia, hoje uma saudosa estrela no céu, pela sua amorosidade, generosidade e encorajamento, que me deu aporte com as crianças para eu me lançar ao desafio que ora se torna realidade e ao meu irmão Daniel que continua sendo o Mestre Cuca predileto das crianças.

À minha mãe Ella que faz companhia à Silvia, pela herança emocional e pelo exemplo de persistência que deixou, plantando em mim a semente da educação. Ao meu pai Herbert que na formosura dos seus 85 anos, teve a boa vontade em ficar com seus netos nos dias em que haviam aulas em Santa Maria.

À minha orientadora professora doutora Flávia Luciane Scherer, que me recebeu como orientanda, e teve a serenidade de esperar minha maturidade, instigando e provocando profissionalmente, contribuindo com sua rigorosidade teórica e generosidade singular.

Aos Colegas do Mestrado com os quais criamos belos laços de amizade.

Aos Colegas do PROCON de Panambi pelo trabalho em equipe, sem este apoio jamais teria conseguido colher bons resultados.

Aos entrevistados pelas contribuições e ensinamentos durante a pesquisa e, em especial, pelo carinho e tempo dispensado a mim.

Aos técnicos da Secretaria da IECLB – Centro e do MAHP na generosidade e disposição permitido preciosas pesquisas em seus acervos.

Aos professores do Mestrado e servidores do PPGA da UFSM, que despertam e conduzem para leituras e reflexões nos desafiando, a colocá-las em prática no dia-a-dia de nossa vida profissional enquanto Gestores Públicos, em especial ao Prof. Dr.

Milton Luiz Wittmann pelo aprendizado e contribuições durante a pesquisa .

Agradeço em especial à justificativa de todos meus esforços e alegria de meu viver.

Meus queridos filhos Nicolás, Arthur e Natália, que sobreviveram as minhas ausências, compreenderam a minha necessidade de estudar, auxiliando a administrar os sacrifícios necessários do nosso tempo de convivência. Tenho certeza de que muito ainda iremos rir dos sufocos passados, pois aceitamos a oportunidade de evoluirmos enquanto pessoas e vocês me propiciam este aprendizado, sem vocês não teria conseguido.

Ao querido Alexandre, que compreensivamente, sempre esteve ao meu lado, como farol, me devolvendo a direção e foco em muitos momentos durante o processo de aprendizagem e pesquisa.

Aos meus irmãos, especialmente ao Martim, que mesmo com sua agenda assoberbada encontrou tempo para cuidar de seu afilhado Arthur e sempre manteve para mim uma palavra de coragem, carinho e incentivo.

Um agradecimento especial ao Dr. Adriano Arriel Saquet, professor do Instituto Federal Farroupilha pelas preciosas contribuições.

À UFSM, que viabilizou a realização do curso oportunizando a casa do Estudante, que me acolheu nas minhas estadias em Santa Maria.

Não poderia esquecer os amigos da Casa de Estudante do Centro, que sempre tiveram uma palavra de carinho, um encorajamento, uma refeição deliciosa partilhada tarde da noite, amigos preciosos que guardo em meu peito.

EPÍGRAFE

“Eu sou eu e minha circunstância e se não salvo a ela não salvo a mim.”

José Ortega y Gasset

RESUMO

O estudo do empreendedorismo e desenvolvimento local tem sido alvo de diversos estudos no campo da administração. O estudo do empreendedorismo, habitus e desenvolvimento local de Panambi-RS busca Identificar os fatores sociais e culturais que promoveram o desenvolvimento endógeno de Panambi-RS através do empreendedorismo industrial estabelecendo sua correlação com habitus e desenvolvimento local e regional a partir do questionamento da existência de um habitus empreendedor que se reflete no expressivo número de indústrias ativas com mais de cinquenta anos de fundação na cidade de Panambi – RS. Apresenta como base teórica a discussão proposta por Schumpeter (1997), Barquero (2001) Becker (1994, 2000, 2001, 2010) tendo como base o conceito de habitus de Bourdieu (1990,1996,1983 a e b) e suas implicações. Como técnica de coleta de dados utilizou-se a realização de entrevistas semiestruturadas. Para tratamento dos dados foi usada a análise de conteúdo, conforme proposta de Bardin (2011), a partir da utilização do software ATLAS-TI. As reflexões sobre a existência de um habitus empreendedor que se reflete no expressivo número de indústrias longevas em Panambi – RS, salientam alguns aspectos da sociedade originária da colonização, a qual se caracteriza pela reprodução de referenciais culturais, pela profusão e circularidade da informação sobre a mãe pátria (Alemanha). A germanidade e o empreendedorismo geram o desenvolvimento local singular, pois permitem o surgimento de empresas que reafirmam os laços comunitários e geram progresso retroalimentando a base deste sucesso – o tripé religião, escola e trabalho, ou seja, a germanidade (habitus). A identificação da cidade como sendo alemã, evangélica e voltada ao trabalho está presente na memória e na identidade da localidade frente aos demais municípios da região. O desenvolvimento e empreendedorismo da indústria local contribuíram para reforçar e difundir o imaginário social e reforçam, ao longo do século 20, a relação da colonização com a Igreja Luterana e vinculada a ela, a escola, que garantem a preservação da cultura alemã gerando o habitus (Germanidade). Assim conclui-se que a particularidade vivida e experimentada pelos agentes sociais que colonizaram Panambi-RS criaram um sistema de esquemas e construções sociais que, embora em constante adaptação às informações do mundo globalizado, mantém presente a relação entre germanidade, empreendedorismo e desenvolvimento. Nesse sentido, o habitus da sociedade de Panambi-RS é um produto de relações que constroem e constroem a matriz relacional e processual que constitui a dimensão do desenvolvimento local e do empreendedorismo.

PALAVRAS CHAVE: Desenvolvimento Local; Empreendedorismo; *Habitus*.

ZUSAMMENFASSUNG

Die Forschung des Themas Unternehmertums und der lokalen Entwicklung wird zur Zeit weltweit intensiv im Bereich der Verwaltung durchgeführt. In der vorliegenden Arbeit, die Untersuchung des Unternehmertums, des Habitus und der lokalen Entwicklung in Panambi – RS hat das Ziel, die sozialen und kulturellen Faktoren zu identifizieren, die zur endogene Entwicklung der Stadt im Laufe der Zeit führten. Das industrielle Unternehmen in Korrelation mit dem Habitus und mit der lokalen Entwicklung aus einer Fragestellung einer möglichen Existenz von einem Unternehmenshabitus, die sich aus der grossen Anzahl von Industrien mit mehr als 50 Jahren Gründung in Panambi zeigen, wurde ebenfalls erforscht. Diese Arbeit zeigt als theoretische Grundlage die Diskussion von Schumpeter (1997), Barquero (2001), Becker (1994, 2000, 2001, 2010) mit Basis das Konzept von Habitus nach Bourdieu (1990, 1996, 1983 a e b) und ihre Auswirkungen. Als Methoden für die Bearbeitung der gesammelten Daten wurde semistrukturierte Interviews verwendet. Das Datenbearbeiten wurde je nach Methoden von Bardin (2011) mit der Anwendung des Softwares ATLAS-TI durchgeführt. Die Reflexionen über die mögliche Existenz eines Unternehmenshabitus, das sich durch eine hohe Anzahl von Industrien in Panambi zeigt Informationen der Gemeinde speziellerweise wegen ihrer Ursprung der Deutschen Kolonisierung mit einer Vielzahl von Informationen und Gebräuche die aus ihrem Mutterland früher gebracht wurden. Das Deutschtum und das Unternehmertum dieser Einwanderer bildeten nach und nach die lokale Entwicklung in Panambi denn stimuliert Gemeinschaftsverbindungen und führten zu Fortschritten, die das Basis stabil halten: die drei Elemente daran beteiligt sind: die Religion, die Schule und die Arbeit, das heisst, das Deutschtum (Habitus). Die Anerkennung von Panambi als wichtige Deutschkolonie, mit starker Anzahl von Evangelischen Kirchen und evangelischen Bürgern, und auch gerichtet an die Arbeit, ist oft von anderen Nachbarnstädten der Region gesehen und anerkannt. Die Entwicklung und das Unternehmertum der Lokalindustrie trugen für die Ausbreitung dieses Sozialbildes bei und verstärkten, im Laufe des 20. Jahrhunderts, die Beziehung der Deutschkolonisierung mit der Lutheranischen Kirche. Verbindet zu diesen beiden Elementen spielt die Schule eine wichtige Rolle, die die Pflege der Deutschkultur hält und das Habitus (Deutschtum) bildet. Auf diese Weise kommt man zur Schlussfolgerung in dieser Arbeit, dass die gelebten Besonderheiten und gesammelten Erfahrungen der Bürger, die Panambi im Laufe der Zeit kolonisierten, bildeten ein Schema von Sozialbildungen die, trotz der Weltglobalisierung, hielten die Beziehungen zwischen dem Deutschtum, dem Unternehmertum und der Entwicklung. Auf dieser Weise, das Habitus der Gemeinschaft Panambi ist eine Folge von Beziehungen die gleichzeitig zwar bilden aber auch zwingen das Bundesszenario und Verfahren, die die Dimension der lokalen Entwicklung und des Unternehmertums bildet.

Schlüsselwörter: lokale Entwicklung; Unternehmertum; Habitus.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Problema de pesquisa.....	12
1.2 Objetivos.....	15
1.2.1 Objetivo Geral.....	15
1.2.2 Objetivos específicos.....	15
1.3 Justificativa	16
1.4 Estrutura do trabalho.....	18
2. HABITUS EMPREENDEDOR E DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL.....	20
2.1 <i>Habitus</i>	21
2.2 Empreendedorismo e desenvolvimento local e regional.....	23
3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	28
3.1 Técnicas de coleta e de tratamento dos dados	31
4. O VALE DAS BORBOLETAS AZUIS.....	36
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	48
5.1 Germanidade.....	50
5.2 Empreendedorismo.....	56
5.3 Desenvolvimento local.....	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
6.1 Conclusões e implicações.....	73
6.2 Limitações do estudo.....	75
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS.....	81
APÊNDICES.....	84

1 INTRODUÇÃO

A dimensão do social está impregnada em nós, pois nossas estruturas mentais sofrem o condicionamento social. No campo social compartilham-se categorias e percepções que orientam nossas condutas e que dão significado às mesmas.

Criamos as circunstâncias em que vivemos e somos, ao mesmo tempo, influenciados por elas, de forma que nossas escolhas subordinam-se ao meio cultural em que estamos inseridos.

Quando Ortega y Gasset (1967, p.52) afirma “Eu sou eu e minha circunstância e se não salvo a ela, não salvo a mim”, temos um ‘Eu’ que está ligado à realidade que me circunda. A realidade é distinta do ‘Eu’, mas, ao mesmo tempo, é inseparável dele. Neste sentido o desenvolvimento e o estabelecimento de políticas públicas devem ser precedidos do olhar sobre uma determinada realidade, refletindo-se sobre o que é presenciado e, a partir deste olhar, traçam-se planos para o futuro a partir da interpretação dos fatos do passado e de projeções futuras.

Conforme Santos (1999, p.64):

para salvar a circunstância é preciso compreendê-la, ou seja, saber o que ela significa nela mesma, na sua unidade e em suas efetivas conexões, em sua irredutibilidade, contudo, na plenitude do seu significado em nossa vida, atualizando todas as suas virtualidades.

Ortega conclama a mobilização da teoria para dar conta da circunstância. A teoria, entendida, na concepção orteguiana, como visão total, serve para apropriarmos-nos do concreto sem mutilá-lo ou absolutizá-lo.

Deste modo, salvar-se-á a circunstância procurando teorizá-la; ou seja, entendendo-a em suas conexões efetivas, ligando coisa com coisa e tudo conosco, numa viva pertinência recíproca entre nós e nossa circunstância.

Elucidar a circunstância que acompanha a caminhada da humanidade desde o seu nascimento, ou seja, a nossa capacidade de empreender e estabelecer a conexão entre desenvolvimento econômico, político e social que esta capacidade gera na comunidade, em especial, a relação entre o *habitus* que acompanha-nos em diferentes campos que ocupamos na sociedade como agentes sociais dotados de diferentes formas de ‘capital’ nos fará refletir sobre a constituição de povoados que viraram cidades com um desenvolvimento diferenciado.

O *habitus* é o princípio fundante de nossas ações no mundo, constituindo nossa maneira de perceber, de julgar e de valorar o mundo (BOURDIEU, 1983b). Com o conceito de *habitus* - memória coletiva e capacidade criadora do indivíduo -,

Bourdieu recupera a dimensão individual e simbólica dos fenômenos sociais. A relação integrada e integradora entre o agente e a realidade social que sempre apresenta novas situações, através do processo de aprendizagem dos agentes que diante de situações novas, que podem gerar estratégias, práticas e formas diferentes verem e compreender o mundo.

É neste sentido que se busca examinar o papel do *habitus*, conforme conceito proposto por Pierre Bourdieu (1983b), como facilitador na gênese e dinâmica do empreendedorismo no Município de Panambi-RS através da análise de empresas locais com mais de sessenta e cinco anos de atividade, com projeção nacional e regional e/ou internacional. Supõe-se que empresas longevas tenham indícios claros da relação ora em análise.

Habitus, Empreendedorismo e Desenvolvimento Local e Regional, são analisados a partir da dinâmica relacional estabelecida entre sociedade civil, instituições, sociedade política e empresas que se entrelaçam em um determinado espaço territorial, pois conforme nos lembra Becker, são as

relações dos homens entre si e as relações dos homens com a natureza [que] num determinado espaço dão forma e conteúdo ao processo de desenvolvimento. Assim, estruturam, a cada tempo histórico, uma determinada organização (social, econômica, política) possível e necessária para produzir as necessidades materiais e culturais. (1994, p. 10-11)

Diferentes trabalhos de cientistas sociais como Barquero (2001), Becker (1994, 2000, 2001 e 2010), Bourdieu (1990, 1996, 1983 a,b), Putnam (2002), Schumpeter (1997) e Weber (2003), têm tratado do tema do empreendedorismo, do desenvolvimento local e dos diversos capitais que conformam e definem certos territórios e regiões decorrentes do padrão de intervenção humana sobre as bases materiais da vida. Porém só recentemente a ligação entre *habitus* e empreendedorismo foi trazida à discussão em nosso meio.

Como nos lembra Bresser-Pereira:

o desenvolvimento econômico é um fenômeno histórico que passa a ocorrer nos países ou estados-nação que realizam sua revolução capitalista, e se caracteriza pelo aumento sustentado da produtividade ou da renda por habitante, acompanhado por sistemático processo de acumulação de capital e incorporação de progresso técnico. (2006, p. 1).

Empreendedorismo tem origem no termo empreender que significa realizar, fazer ou executar. Cabe ao empreendedor identificar oportunidades, e buscar os recursos para transformá-las em negócio lucrativo. O conceito de "empreendedorismo" foi popularizado pelo economista Joseph Schumpeter a partir

de 1945, mas já consta sua formulação na sua obra de 1911 (Teoria do Desenvolvimento Econômico), referência deste estudo. Segundo Schumpeter o empreendedor é alguém versátil, que possui as habilidades para saber produzir.

Para Schumpeter, empreendedorismo é “ato empreendedor” que se dá a partir de uma pessoa criativa e capaz de obter sucesso através de inovações, reformando ou revolucionando os processos ou produtos empresariais. É fator de geração do desenvolvimento econômico, político e social de uma região ou país.

Esta lógica coloca o empreendedorismo em relação direta com o *habitus* como o princípio gerador de práticas sociais, políticas e econômicas incorporadas e produzidas ao longo da trajetória de vida do agente empreendedor/inovador.

A circunstância tratada neste estudo refere-se ao empreendedorismo decorrente das iniciativas de agentes, do conhecimento e do aprendizado, bem como do desenvolvimento local e regional tendo como base a discussão proposta por Schumpeter (1997), Barquero (2001) Becker (1994, 2000, 2001, 2010) tendo como base o conceito de *habitus* (1983b) de Bourdieu e suas implicações.

1.1 Problema de pesquisa

O presente trabalho buscou explicações para o empreendedorismo do município de Panambi-RS, e apresentar-se-á como resultado novas visões para a gestão de políticas públicas do desenvolvimento local que promovem mudanças e inovação de forma a tornar mais eficaz, eficiente e efetiva a relação entre atores sociais e o poder público.

Panambi-RS reúne características singulares que vão ao encontro da proposta deste trabalho, sendo, portanto, propício para se desenvolver o estudo, tendo em vista o que nos diz Neumann:

os imigrantes que se instalaram em Panambi chegaram em duas principais etapas. Em cada uma delas, os imigrantes apresentavam perfis diferentes. Durante a primeira etapa (final do século XIX até o início do século XX) tratava-se de agricultores que foram atraídos para essa região pelas facilidades de instalação prometidas pelo governo imperial brasileiro que tinha como objetivo colonizar o país. Durante a segunda etapa (depois da Primeira Grande Guerra Mundial) tratava-se de imigrantes artesãos, comerciantes, ferreiros, etc, que vieram com suas famílias (em torno de 200 famílias). Foi a partir desse momento que a colônia foi efetivamente ocupada. Mesmo que com muitas dificuldades enfrentadas pelos primeiros

imigrantes, a colônia pode se desenvolver graças aos fortes traços de solidariedade e de cooperação existentes. Como prova disso, evidencia-se que as famílias que chegaram durante a segunda etapa de colonização encontraram uma comunidade organizada e estruturada com escolas, igrejas e instituições culturais típicas da cultura alemã, o que contribuiu fortemente para sua instalação e também o desenvolvimento da colônia. (2008, p. 21)

Desde o final século XIX a Europa começa a expulsar trabalhadores urbanos, que se refletiu positivamente na industrialização tardia do Brasil, trazendo um contingente de operários especializados. Nossa nascente indústria penava por “[...] não tanto pela insuficiência dos meios materiais como pela falta de qualificação dos operários” (SAUL, 1989, p. 12). A Primeira Guerra Mundial acelerou ainda mais este processo de diáspora da população europeia com formação especializada, sendo que Panambi-RS se beneficiou deste contexto.

Como diz Weber (2003, p. 37; 38):

[...] uma simples olhada nas estatísticas ocupacionais de qualquer país de composição religiosa mista mostrará, com notável freqüência, uma situação que muitas vezes provocou discussões na imprensa e literatura católicas e nos congressos católicos, principalmente na Alemanha: o fato que os homens de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente das modernas empresas é predominantemente protestante.

[...] Mais notável ainda é um fato que explica parcialmente a menor proporção de católicos entre os trabalhadores especializados na moderna indústria. Sabe-se que as fábricas arregimentaram boa parte de sua mão de obra especializada entre os jovens artesãos; contudo, isso é muito mais verdadeiro para os diaristas protestantes que para os católicos.

Continuando a sua comparação entre católicos e protestantes Weber (2003, p. 39) afirma:

Em outras palavras, entre os diaristas católicos parece preponderar uma forte tendência a permanecer em suas oficinas, e tornar com freqüência mestres artesãos, em quanto os protestantes são fortemente atraídos para as fábricas, para nelas ocuparem cargos superiores de mão de obra especializada e posições administrativas.

A explicação desses casos é, sem dúvidas que as peculiaridades mentais e espirituais adquiridas do meio ambiente, especialmente do tipo de educação favorecido pela atmosfera religiosa da família e do lar, determinaram a escolha da ocupação e, por isso, da carreira.

Segundo Neumann o desenvolvimento do município de Panambi se explica:

[...] sobre tudo pelo forte espírito empreendedor e pela visão estratégica dos seus empresários fundadores (e das gerações seguintes que continuaram com esse mesmo espírito) e que souberam evoluir suas atividades conciliando-as com as políticas nacionais e com as oportunidades de mercado. Assim, podemos dizer que a capacidade empreendedora dos primeiros empresários, que souberam se preparar e se adaptar para as novas tendências do mercado, aliados ao seu *savoir-faire* com o qual iniciaram suas atividades, são os fatores que explicam a evolução da atividade industrial metal mecânica no município de Panambi. (NEUMANN, 2008, p. 21)

Religião e escola sempre estiveram presentes na vida de Panambi-RS, as quais mantinham laços de cooperação com a Alemanha, como nos diz Neumann:

os imigrantes alemães sempre valorizaram muito a educação. Os primeiros que chegaram na colônia, hoje município de Panambi, fundaram em 1903 o CEP - Colégio Evangélico Panambi no centro da colônia. A comunidade procurou sempre manter contato com a Alemanha, organizando a vinda de pastores e professores com conhecimento da época utilizados no seu país de origem. A instalação das comunidades (com igreja, escola, pavilhões, etc) no interior da colônia também contribuiu na coesão cultural dos imigrantes que puderam assim preservar sua identidade comum. A administração das escolas procurou sempre acompanhar a evolução da colônia, adaptando-se as novas etapas do desenvolvimento local. (2008, p. 22)

Nesse contexto o *habitus* age como uma ferramenta de percepção/orientação e de apreciação da ação. Através dele, o passado sobrevive no momento atual e se faz presente nas ações futuras dos atores sociais (interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade). Age-se conforme um senso prático que é adquirido no momento histórico em que vivemos, onde a posição que ocupamos no campo é definida signos e significantes que caracterizam essa posição. Tais representações tornam-se parte da nossa própria natureza constituindo-se num *habitus*.

O desenvolvimento local endógeno é proporcionado pela conjugação do aproveitamento dos recursos e dos serviços locais, bem como da cooperação entre os atores (sociedade civil, governo, mercado). No centro da teoria do desenvolvimento endógeno está o mecanismo que conecta os atores - uma rede capaz de fazer uso de economias de escala que antes não apareciam - e que se traduz no crescimento e na mudança estrutural da economia local (BARQUERO, 2001).

Esta teia é fruto de um território vivo e vivido, em que a participação ativa dos atores provoca uma quebra de paradigma, provocando a mudança do jeito tradicional de atuar, em que se leva pronto o trabalho a ser desenvolvido.

O território deixa de ser uma simples base física para as relações entre indivíduos, empresas e instituições. O tecido social que o constitui é complexo, forjado por laços que vão muito além de suas condicionantes naturais e de infraestrutura. Um território representa uma teia de relações com raízes históricas, configurações identitárias políticas, sociais e econômicas que desempenham um papel central para o empreendedorismo e o desenvolvimento local.

Com objetivo de Identificar os fatores sociais e culturais que propulsionaram o desenvolvimento endógeno de Panambi-RS através do empreendedorismo industrial estabelecendo sua correlação com *habitus* e desenvolvimento local e regional propõe-se a seguinte questão da pesquisa: existe um *habitus* empreendedor que se reflete no expressivo número de indústrias com mais de sessenta e cinco anos de fundação na cidade de Panambi - RS?

1.2 Objetivos

Para o desenvolvimento do estudo e orientação da pesquisa, foram definidos os seguintes objetivos:

1.2.1 Objetivo Geral:

Caracterizar a existência de um *habitus* empreendedor na cidade de Panambi-RS.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- 1) Verificar a influência de um *habitus* empreendedor na constituição do desenvolvimento de Panambi-RS a partir dos seus agentes sociais, políticos e empresariais;
- 2) Estabelecer a relação entre empreendedorismo, desenvolvimento e *habitus*;
- 3) Propor diretrizes para o planejamento de ações do poder público para o desenvolvimento local.

1.3 Justificativa

Administração, como uma área de conhecimento das ciências sociais, vem, através de momentos transformação, se caracterizando em um processo de constante evolução. Sendo que hoje a mesma tornou-se mais complexa devido a gama de conhecimentos e habilidades para ler a realidade e realizar intervenções de forma eficiente e eficaz.

Novas perspectivas surgem na Administração apresentando um conjunto de conhecimentos relacionados com a capacidade interdisciplinar de usar novos saberes em uma dinâmica sistêmica. Estes novos tempos exigem quebra de paradigmas, superação de desafios e ousadia para buscar explicações em um mundo de crescente complexidade e rápidas transformações.

Superadas as barreiras interdisciplinares que levam à fragmentação do conhecimento, pode-se vislumbrar a possibilidade do pesquisador em administração compreender e criticar as múltiplas informações que recebe do ambiente tanto público quanto privado.

Ao longo do século XX diversos autores, tais como Barquero, Becker, Bourdieu, Schumpeter e Weber demonstram as falhas dos postulados pelo pensamento econômico neoclássico e propõem novas categorias de análise para compreender os fenômenos econômicos.

Tais teorias apresentam como fio condutor a tentativa de romper com o viés estritamente economicista dos neoclássicos e incorporar noções na análise do desenvolvimento que fujam da simples abstração das práticas econômicas da ordem social e da universalização que não permite captar as especificidades dos territórios e localidades em que se dá o empreendedorismo e o desenvolvimento. É em um determinado local que a vida acontece, no qual tecemos nossa teia de relações e empreendemos nossos sonhos e desenvolvemos nossas potencialidades.

É em um território vivo e vivido que o *habitus* tece a sua teia, estabelece singularidades e dá cores diversas ao desenvolvimento local. Wegner, Wlittmann e Dotto (2006, 80) destacam a importância das localidades uma vez que é num contexto territorial que a vida flui e onde sociedade, economia, política e cultura potencializam o desempenho das forças atuantes na sociedade quer do mercado, da sociedade civil ou da sociedade política.

A partir dos anos 80 estudos sobre empreendedorismo começam a fluir com maior grau nas ciências sociais e administrativas. Porém foi Schumpeter (1997) que destacou a importância do empreendedor na economia, pois ele com objetivo de obter o lucro promove inovações.

Para Oliveira e Muylder (2009, p. 2) Schumpeter “[...] não só foi capaz de atrelar o empreendedor à inovação, da mesma forma que salientou a importância de gerar novos produtos na busca de novos mercados, com intuito de promover o desenvolvimento sócio econômico”.

Conforme afirmam Sant’ Anna e Sousa (2012, p. 2):

no campo dos estudos em Administração, conversações com o arcabouço teórico bourdieusiano encontram-se, mesmo considerando as amplas possibilidades que o autor apresenta ainda pouco explorado, resultando em significativo potencial quanto a novas abordagens teórico-metodológico conceituais que venham a propiciar investigar as relações sujeito-trabalho-organizações-sociedade, conforme mencionado, sob novas formas perspectivas.

Na Tabela 1, a seguir, Oliveira e Muylder (2009, p. 5-6) apresentam o crescimento de estudos que citam empreendedorismo na área de Gestão Pública e Gestão Social e atribuem o crescimento ao

fato do setor público demonstrar estar passando por um processo de mudança, buscando uma maior profissionalização nos moldes da iniciativa privada, investindo no funcionalismo público introduzindo no corpo funcional características empreendedoras no sentido de levar a um melhor atendimento e dinamização do serviço público prestado.

Tabela 1 – Número de artigos com citação “Empreendedorismo” por área 2007 / 2008

Área	Nº total Artigos 2007	Nº Artigos, citações 2007	% de Artigos, Citações 2007	Nº total Artigos 2008	Nº Artigos, citações 2008	% de Artigos, Citações 2008
Adm. da Informação	69	5	7,22%	62	3	4,8%
Adm. Pública e Gest. Social	155	15	9,7%	159	21	13,2%
Estratégia em Organizações	103	28	27,2%	110	37	33,6%
Estudos Organizacionais	99	7	7,1%	116	13	11,2%
Finanças	67	0	0,0%	60	2	3,3%
Gestão Ciência, Tec., Inovação	67	18	26,9%	69	18	26,1%
Gestão Pessoas e Rel. Trabalho	88	8	9,1%	87	9	10,3%
Gestão Oper. e Logística	44	0	0,0%	50	1	2,0%
Marketing	99	2	2,0%	122	3	2,5%
Ensino e Pesq. Adm. Contab.	92	18	19,6%	100	8	8,0%
Contabilidade	94	3	3,2%	70	2	2,9%
Total Geral	977	104	10,6%	1005	117	11,6%

Fonte: Oliveira e Muylder (2009, p. 6)

O estudo de Panambi-RS vem ao encontro desta busca de conhecimento acerca de empreendedorismo e a sua vinculação com o *habitus* pode ser buscada uma vez que, conforme Neumann (2008), a colonização do município difere das demais colonizações de cidades vizinhas como IJUÍ-RS que é concebida por um padre católico para ser multiétnica.

A colonização de Panambi-RS foi planejada inicialmente para ser exclusivamente com imigrantes alemães vindos da Alemanha, somente por causa de entraves (não liberação da imigração alemã, de sua população, sem que tivesse organizado e estruturado na Colonização Brasileira com escolas e instituições culturais típicas da cultura alemã, para reproduzir aqui as mesmas condições culturais da Alemanha), é que são admitidos, também, colonos alemães já radicados no Rio Grande do Sul.

É esta singularidade que pode caracterizar um diferencial, um *habitus*, que apresenta contornos únicos para o desenvolvimento de tantos empreendimentos de sucesso e longevos em Panambi-RS.

Desta feita, o objeto deste trabalho se justifica tanto no campo teórico metodológico quanto no social, pois além de contribuir para a utilização teórica e metodológica do pensamento de Pierre Bourdieu no campo da administração, as informações advindas da pesquisa servirão para propor alguma intervenção pública para o desenvolvimento local e no estímulo ao empreendedorismo.

1.4 Estrutura do trabalho

Para dar conta de estabelecer a relação entre empreendedorismo, desenvolvimento local/regional e *habitus* a partir do estudo de Panambi-RS, o presente estudo estrutura-se, além desta introdução onde se abordam a definição do problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa para a realização desse trabalho, em mais cinco capítulos.

O terceiro capítulo apresenta a fundamentação teórica na qual baseamos nosso estudo, apresentado os autores para a discussão sobre *Habitus*, Empreendedorismo e Desenvolvimento local e regional.

No terceiro capítulo temos a metodologia utilizada enfocando os sujeitos da pesquisa, o modo de coleta em tratamento dos dados.

No quarto capítulo, é realizada uma análise sócio histórica através da descrição do município de Panambi-RS e seu desenvolvimeto.

As análises dos resultados, apresentadas no capítulo cinco, são organizadas conforme a estrutura de Análise de Conteúdo Temática, conforme proposta por Bardin (2011), dividindo-se em torno dos temas relacionados com Germanidade (habitus), Empreendedorismo e Desenvolvimento Local/ Regional.

As considerações finais e as conclusões obtidas visando responder à questão problema e atingir os objetivos do estudo além das limitações e sugestões para estudos futuros são apresentadas no capítulo seis.

2 HABITUS, EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL

No final do século XX e início do século XXI surgiram muitos estudos voltados para os diferenciais sociais de uma região ou localidade, relativamente ao seu desenvolvimento e sua força empreendedora. A maioria destes estudos está relacionada ao estudo de capital social, capital humano, capital cultural e capital econômico.

O desenvolvimento local está vinculado a comunidades identificadas geograficamente por seus recursos e potencialidades. Ao falar-se do desenvolvimento local, aborda-se o desenvolvimento das pessoas e de suas comunidades, ou seja, de empreendedorismo. Ao estudarem-se as condicionantes que potencializam as habilidades de pessoas e comunidades (habilidades, conhecimentos – capitais) de empreenderem e buscarem uma melhor qualidade de vida pessoal e comunitária está-se desvelando uma dada realidade.

Para Bourdieu (1990, p.28), “a sociologia liberta libertando da ilusão de liberdade” e nos atrevemos a dizer que as ciências sociais aplicadas, de modo geral (administração em particular), ao apresentarem o resultado de suas pesquisas, podem causar um mal estar na medida em que revelam fatos e relações nem sempre explícitas - trazem à tona questões em que se aparenta naturalidade; revelam aspectos da realidade social, que muitos não desejam ver elucidados.

Inicialmente, para definir o campo de atuação deste estudo, as ideias e os conceitos do modelo teórico de Bourdieu serão trazidas à discussão. Mas quais são as categorias com que Bourdieu pensa a sociedade? Para Bourdieu (1983 a,b, 1990, 1996), os agentes estão inseridos espacialmente em determinados “campos sociais” e a acumulação de capitais (cultural, social, econômico, político, artístico, etc...) e o *habitus* de cada agente social determina a sua posição na sociedade. Conhecer as regras do jogo e ter a disposição de jogar é fundamental para que os agentes sociais possam ocupar seu espaço no campo social e possam adquirir mais capitais.

Tomando essas premissas como verdadeiras, como estudar o familiar, o contexto que envolve o sujeito e do qual participa? Certamente não é partindo de uma posição pretensamente neutra - tal postura, ao contrário, encobre a visão de

mundo e a ideologia do sujeito - que se têm resultados que respondam às inquietações. Ao contrário, é reconhecendo que tem-se uma determinada posição dentro de um determinado campo intelectual, político, social, religioso; por isso, nem sempre os resultados das pesquisas serão palatáveis. Ao reconhecer tais implicações, vê-se que não existem escolhas desinteressadas de temas ou metodologias.

2.1 Habitus

Ao rever as bases da sociologia, partindo de um diálogo com os clássicos, Bourdieu (1983a) propõe uma nova alternativa teórico-metodológica para a superação das oposições existentes entre a abordagem estruturalista e a fenomenologia. Nesta revisão o autor reconhece o papel das estruturas na explicação sociológica, ao mesmo tempo em que recupera o lugar e o papel dos agentes sociais. De acordo com Bourdieu (1990, p.50) estas “falsas oposições” refletem o “esforço para constituir como teorias posturas ligadas à posse de diferentes espécies de capital cultural”.

Bourdieu revela, também, as relações de poder e de dominação existentes no campo científico. Ele reafirma a impossibilidade de uma ciência neutra, interessada apenas no progresso da humanidade, como apregoado pela modernidade. No campo da ciência, existe uma disputa constante pela conquista da legitimidade de se falar e agir. "Universo da mais pura ciência é um campo como qualquer outro, com suas relações de força e monopólios, suas lutas, estratégias, interesses e lucros." (Bourdieu, 1983a, p. 123)

Segundo nos diz Bourdieu (1983a, p. 89), campos são:

espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas).

Os campos possuem leis gerais e propriedades particulares que se expressam como funções variáveis secundárias. Para que um campo atue,

é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e reconhecimento

das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (Bourdieu 1983a, p. 89),

A existência do *habitus* é, ao mesmo tempo, condição e produto de existência e funcionamento de um determinado campo. A estruturação do campo é dada pelo arranjo e a disputa por hegemonia entre os agentes do campo. Dentro dessa relação de força, os agentes que detêm a hegemonia de um capital específico tendem à manutenção da ordem estabelecida pelo monopólio deste capital (BOURDIEU, 1983b).

Para Bourdieu, o *habitus* é um

sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidos para esse fim. (1983b, p. 94).

Na construção da realidade social os agentes sociais, dependendo do tipo e quantidade de capital que tem a mão, se aproximam ou se afastam de determinados campos. Assim a similitude e a diferença de capitais definem a união ou afastamento dos agentes sociais, pois ao possuírem capitais de naturezas distintas (cultural, capital social, capital político, capital artístico, capital esportivo, capital econômico) apresentam internalizações e disposições (*habitus*) que definem os espaços a serem ocupados no campo.

A dimensão individual e simbólica dos fenômenos sociais e a dimensão relacional do agente que interage com a realidade social são trazidas a tona pelo conceito de *habitus*. A realidade social já não é apenas o resultado de suas determinações, agência e estrutura se interlaçam. A “[...] noção de “habitus”, um velho conceito aristotélico-tomista que repensei completamente, como uma maneira de escapar dessa alternativa do estruturalismo sem sujeito e da filosofia do sujeito” (BOURDIEU, 1990, p.22). Nascemos e nos movemos na teia do social absorvendo e reestruturando reflexivamente o *habitus* no qual somos inseridos, pois agimos e somos dentro de um determinado campo social de acordo com a posição que nele nos situamos.

Na sociologia de Pierre Bourdieu a vida se dá entre a agência e estrutura, a ação humana acontece a partir da relação entre *habitus* e campo, conceitos esses que referenciam, respectivamente, a uma subjetividade criativa socialmente constituída a partir da experiência prolongada e cumulativa de ordenamentos

coletivos exteriores e à dimensão das estruturas sociais objetivas presentes no seio das relações sociais.

Ao construírem a realidade social a partir das disputas de espaço, buscando impor sua visão, os agentes realizam as disputas sempre com pontos de vista, interesses e referenciais determinados pela posição que ocupam no mesmo mundo que pretendem transformar ou conservar. O campo pode ser apresentado por dois pontos de vista: como um ‘campo de forças’ na medida em que constringe os agentes por ele abarcados; como um ‘campo de lutas’, onde ocorre o jogo social em que os agentes jogam de acordo com as posições que ocupam e, desta forma, podem manter ou modificar a sua estrutura. (BOURDIEU, 1996).

Tendo em vista que a distribuição de capital é desigual em qualquer que seja o campo isso faz que os campos vivam em permanente disputa. De um lado temos os agentes e grupos dominantes procurando que procuram defender seus privilégios em detrimento das ações dos demais agentes e grupos. Para a manutenção de sua hegemonia em determinado campo os agentes ou grupos utilizam como estratégias mais comuns as que visam a proteção e as centradas na conservação das formas de capital tendo em vista a sua reprodução através dos mecanismos de: sucessão como fonte de manutenção das heranças e, conseqüentemente, garantia de ingresso nas camadas dominantes; na educação, como fortalecimento e manutenção de poder; na acumulação de recursos financeiros; na ascensão social através de casamentos; na esfera simbólica (*status*) com acesso a bens e serviços que se dá por via econômica ou por educação (cultura, estilo, bens, títulos).

O reconhecimento dos seus valores fundamentais e das regras do jogo é o visto para acessar um determinado campo, isto é, compartilhar da história do campo e de possuir um determinado capital. Ao adentrarmos no “campo” do empreendedorismo e do desenvolvimento local, temos de dizer a qual espaço estamos nos referindo. É isso que se propõe fazer a partir das visões de Becker (1994, 2003), Barquero (2001) e Schumpeter (1997).

2.2 Empreendedorismo e Desenvolvimento local e regional

A ideia de desenvolvimento clássica é vista pelo viés da economia. Neste ca-

so, conforme afirmam Frey e Wittmann (2006, p.103), a “[...] idéia de desenvolvimento é reduzida a desenvolvimento econômico, esse entendido como um processo de crescimento econômico, reduzido a indicadores quantitativos como renda e nível de emprego, capacidade produtiva e população”.

Tal assertiva acima corrobora a afirmação de Schumpeter, quando o mesmo diz que:

o desenvolvimento econômico não é um fenômeno a ser explicado economicamente, mas que a economia, em si mesma sem desenvolvimento, é arrastada pelas mudanças do mundo à sua volta, e que as causas e portanto a explicação do desenvolvimento devem ser procuradas fora do grupo de fatos que são descritos pela teoria econômica. (1997, p. 74)

No que Schumpeter (1997) chama de economia do “fluxo circular”, a economia transcorre monotonamente, onde cada bem que é produzido encontra o seu mercado, e isso se repete período após período. Isso, contudo, não significa concluir que inexista crescimento econômico. Porém para Schumpeter (1997) a economia experimenta mudanças não contínuas que alteram o limite e o curso tradicional das relações entre os atores de determinado sistema econômico, assim, o estudo das mudanças, tornam-se o ponto central do processo de desenvolvimento econômico e o “[...] desenvolvimento, portanto, apenas as mudanças da vida econômica que não lhe forem impostas de fora, mas que surjam de dentro, por sua própria iniciativa [...]” (SCHUMPETER, 1997, p. 74).

Embora se referindo ao desenvolvimento recente, as palavras de Becker (2001, p. 40) podem ser válidas ao contexto em que fluiu o empreendedorismo desenvolvimento de PANAMBI-RS “[...] o desenvolvimento local é a aparência singular, elementar e individualizada da complexa trama/rede de determinações e relações que organizam e dinamizam o desenvolvimento contemporâneo globalizado”.

A evolução da economia tem como características rupturas e descontinuidades com a situação presente que se devem à introdução de novas combinações no funcionamento do sistema. Nesse sentido o “desenvolvimento, no sentido que lhe damos, é definido então pela realização de novas combinações”. (SHUMPETER, 1997, p. 76)

Desta forma,

produzir significa combinar materiais e forças que estão ao nosso alcance (cf. capítulo I). Produzir outras coisas, ou as mesmas coisas com método diferente, significa combinar diferentemente esses materiais e forças. Na

medida em que as “novas combinações” podem, com o tempo, originar-se das antigas por ajuste contínuo mediante pequenas etapas, há certamente mudança, possivelmente há crescimento, mas não um fenômeno novo nem um desenvolvimento em nosso sentido. (SCHUMPETER, 1997, p.76)

Para Schumpeter (1997, p.76),

[...] Esse conceito engloba os cinco casos seguintes: 1) Introdução de um novo bem — ou seja, um bem com que os consumidores ainda não estiverem familiarizados — ou de uma nova qualidade de um bem. 2) Introdução de um novo método de produção, ou seja, um método que ainda não tenha sido testado pela experiência no ramo próprio da indústria de transformação, que de modo algum precisa ser baseada na descoberta cientificamente nova, e pode consistir também em nova maneira de manejar comercialmente um mercado. 3) Abertura de um novo mercado, ou seja, de um mercado em que o ramo particular da indústria de transformação do país em questão não tenha ainda entrado, quer esse mercado tenha existido antes, quer não. 4) Conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados, mais uma vez independentemente do fato de que essa fonte já existia ou teve que ser criada. 5) Estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria, como a criação de uma posição de monopólio (por exemplo, pela trustificação) ou a fragmentação de uma posição de monopólio. (SCHUMPETER, 1997, p.76)

Na concepção de Schumpeter o dinamismo do sistema econômico para promover o desenvolvimento depende do surgimento da figura do empreendedor/empresário como criador de novas combinações.

Chamamos “empreendimento” à realização de combinações novas; chamamos “empresários” aos indivíduos cuja função é realizá-las. Esses conceitos são a um tempo mais amplos e mais restritos do que no uso comum. Mais amplos porque em primeiro lugar chamamos “empresários” não apenas aos homens de negócios “independentes” em uma economia de trocas, que de modo geral são assim designados, mas todos que de fato preenchem a função pela qual definimos o conceito, mesmo que sejam, como está se tornando regra, empregados “dependentes” de uma companhia, como gerentes, membros da diretoria etc., ou mesmo se o seu poder real de cumprir a função empresarial tiver outros fundamentos, tais como o controle da maioria das ações. Como a realização de combinações novas é que constitui o empresário, não é necessário que ele esteja permanentemente vinculado a uma empresa individual; muitos “financistas”, “promotores” etc. não são e ainda podem ser empresários no sentido que lhe damos. Por outro lado, nosso conceito é mais restrito do que o tradicional ao deixar de incluir todos os dirigentes de empresas, gerentes ou industriais que simplesmente podem operar um negócio estabelecido, incluindo apenas os que realmente executam aquela função. Não obstante, sustento que a definição acima não faz mais do que formular com maior precisão o que a doutrina tradicional realmente pretende transmitir. (1997, p. 83)

Quem forma o que conforma este sentido de empreender, de buscar “combinações novas”? É no meio em que vive e é moldado o empreendedor que encontram-se as respostas de como diferentes regiões se desenvolvem de maneira distinta embora tenham uma matriz semelhante de colonização. “Neu-Württemberg”

não foi a única colônia no Brasil e no Rio Grande do Sul a ser implantada por Hermann Mayer.

O desenvolvimento e o empreendedorismo característicos de PANAMBI-RS podem e devem ser explicados pela análise de sua constituição, pois o desenvolvimento econômico local “está baseado na idéia de que localidades e territórios dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais e culturais, bem como de economias de escala não aproveitadas, que formam seu potencial de desenvolvimento” (Barquero, 2001, p. 57).

Para Barquero, desenvolvimento local é:

o processo crescimento e mudança estrutural que ocorre em razão da transferência de recursos das atividades tradicionais para as modernas, bem como pelo aproveitamento das economias externas e pela introdução de inovações, determinando a elevação do bem-estar da população de uma cidade ou região. (2001, p. 57)

Desta forma o desenvolvimento local, por partir de premissas e características locais, fortalece, descobre e fomenta as potencialidades do território. Isso traz como consequência a valorização e o fortalecimento dos vários “capitais” (social, político, econômico, cultural, etc...) e proporciona o desenvolvimento endógeno.

Segundo Barquero (2001) o desenvolvimento endógeno,

propõe-se a atender às necessidades e demandas da população local através da participação ativa da comunidade envolvida. Mais do que obter ganhos em termos da posição ocupada pelo sistema produtivo local na divisão internacional ou nacional do trabalho, o objetivo é buscar o bem-estar econômico, social e cultural da comunidade local em seu conjunto. Além de influenciar os aspectos produtivos (agrícolas, industriais e de serviços), a estratégia de desenvolvimento procura também atuar sobre as dimensões sociais e culturais que afetam o bem-estar da sociedade. (p. 39).

A teoria do desenvolvimento endógeno apresenta como um ponto central a relação entre os empreendimentos locais e o território em que se localizam estabelecerem mecanismos através dos quais se produzem os processos de crescimento e mudança estrutural na vida econômica, política e social na comunidade.

Deste modo a

atividade econômica, social e institucional está baseada nas relações entre indivíduos, empresas e organizações, razão pela qual pode ser identificada uma grande variedade de redes. Assim, existem as redes pessoais e as redes que as empresas estabelecem com os agentes do entorno próximo e que se caracterizam por apresentar relações informais ou, mais precisamente, casuais e, às vezes, comerciais. Os sistemas produtivos locais, por outro lado, constituem um tipo especial de rede, marcado pelo forte enraizamento no território e pela manutenção de relações comerciais baseadas sobretudo na confiança. Além disso, nas últimas décadas,

proliferaram os acordos e as alianças entre empresas cujas relações se distinguem por ter um caráter contratual. (BARQUERO, 2001, p. 98)

O desenvolvimento local está vinculado à organização social, política e econômica - quanto mais fortes são os laços que unem as comunidades, maior é o desenvolvimento econômico e social. A dimensão sociocultural perpassa o processo de desenvolvimento, na busca de crescimento utiliza suas potencialidades, seus diferenciais, levando em conta os diversos “capitais” que estão presentes no processo e, valendo-se destas potencialidades, busca alternativas para sobreviver ao processo de globalização. Isso se dá em dois momentos: a) pela resistência e defesa criando estratégias defensivas; b) através de ações cooperadas, que poderão se configurar pela adoção de estratégias baseadas nos recursos naturais e culturais de cada espaço territorial. (BECKER, 2000)

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Uma pesquisa é um relato realizado por um sujeito cujo olhar vasculha o horizonte desvelando tons e cores, muitas vezes já visitados, e trazendo a tona novas formas e temas para reflexão. Como diz o poeta espanhol Ramón de Campoamor (1892, p. 183), “[...] Y es que en el mundo traidor Nada hay verdad ni mentira: Todo es según el color Del cristal con que se mira”.

A lente da pesquisa qualitativa propicia um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são peculiares a técnicas e paradigmas próprios. Para a realização de uma pesquisa qualitativa as definições do objeto de pesquisa assim como a opção metodológica constituem um processo tão importante para o pesquisador tanto quanto na pesquisa quantitativa.

A presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa e, como método, utilizou-se o estudo de caso no qual o fenômeno será analisado dentro de seu contexto e “[...] quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”. (YIN, 2005, p.32)

Em torno do termo pesquisa qualitativa, “encontra-se uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 16). As pesquisas caráter qualitativo, de maneira geral, exigem a inserção do pesquisador no campo e a realização de observação e entrevistas. Dessa forma torna-se fundamental a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação, pois a escolha determinará a qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão do problema delineado.

A pesquisa qualitativa pode ter vários significados e matizes dentro das ciências sociais, possui “[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados” e geralmente os estudos são realizados no local de ocorrência do fenômeno observado. (NEVES, 1996, p.1)

A pesquisa desenvolveu-se no município de Panambi situado no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, mediante a realização de análise documental, coleta de depoimentos de agentes privilegiados e entrevistas com dirigentes do setor industrial cujas empresas possuem mais de 65 anos de atividade e que apresentam, até o presente momento, inserção regional e nacional e internacional com atuação em variados segmentos, como: energia; metalmecânico; óleos; plásticos; componentes elétricos; irrigação; moveleiro; madeireira.

No desenrolar de uma pesquisa qualitativa algumas questões são colocadas de forma bem imediata, enquanto outras surgem no decorrer do trabalho de campo. A necessidade de dar conta dessas questões que a realidade de campo apresenta leva a um trabalho de reflexão em torno dos problemas enfrentados e dificuldades descobertas.

A respeito de pesquisa qualitativa, é oportuno mencionar Denzin e Lincoln que dizem que:

a palavra qualitativa implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma), em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado. Já os estudos quantitativos enfatizam o ato de medir e analisar as relações causais entre variáveis, e não processo. (p. 23, 2006)

A descrição e delimitação da população e do território, ou seja, dos sujeitos da pesquisa, bem como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem parte do trabalho de campo a ser desenvolvido pelo pesquisador.

Godoy (1995, p. 58) considera que a pesquisa qualitativa não visa “medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados”. Na visão do autor as questões de pesquisa são criadas a partir de “focos de interesses amplos” e busca, no seu desenvolvimento, “compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos”. Tal atitude acarreta um envolvimento entre o pesquisador e a situação de pesquisa pelo contato entre o pesquisador e o fenômeno observado.

Chizzotti lembra-nos que

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto,

zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (p. 221, 2003)

Martins (2004, p. 292) destaca que por conta da complexidade e variedade do material coletado na metodologia qualitativa a sua utilização exige por parte do pesquisador o “desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva”. Para o autor uma das dificuldades da utilização dos métodos qualitativos consiste em ensinar a analisar os dados obtidos “sendo mais fácil ensinar a coletá-los ou a realizar trabalho de campo”, pois necessita de experiência e uma sólida formação teórica para poder discernir e inferir sobre os fenômenos estudados já que a intuição e imaginação do pesquisador estão sempre presentes. Ao contrário, diz o autor, as pesquisas quantitativas procuram “a adoção de procedimentos bem delimitados que permitam restringir a ingerência e a expressão da subjetividade do pesquisador”.

Uma das críticas mais recorrentes acerca da utilização de métodos qualitativos está relacionada com a representatividade de seu objeto de estudo. Nesse sentido Martins aponta que

a indagação acerca da representatividade está relacionada às possibilidades de generalização e se baseia na noção estatística de amostra. Pensar em amostra é reportar-se a um conjunto selecionado em determinada população, da qual seria representativo. A constituição da amostra deve ser casual, aleatória. É possível, por esse ponto de vista, medir o desvio da amostra em relação a determinada população e empregar coeficientes que indicam com precisão a existência de distorções ou erros, bem como as possibilidades de efetuar uma generalização em direção à população. Entretanto, ao se trabalhar com o caso, como garantir que o indivíduo escolhido ou a comunidade selecionada, por exemplo, são representativos do conjunto do qual fazem parte? Seja como for, do ponto de vista estatístico, restarão sempre dúvidas acerca da representatividade. (2004, p. 293)

Para Neves

os problemas da confiabilidade e da validação dos resultados de estudos qualitativos não há soluções simples. BRADLEY (1993, p.436) recomenda o uso de quatro critérios para os atenuar, a saber: conferir a credibilidade do material investigado, zelar pela fidelidade no processo de transcrição que antecede a análise, considerar os elementos que compõem o contexto e assegurar a possibilidade de confirmar posteriormente os dados pesquisados. KIRK & MILLER (1986, p.72), por seu turno, consideram que cumprir seqüenciada e integralmente as fases de projeto de pesquisa, coleta de dados, análise e documentação contribui para tornar mais confiáveis os resultados do estudo qualitativo. Desconhece-se, por impassível, procedimento que possa assegurar confiabilidade absoluta a um estudo qualitativo. Podemos dizer que tanto é inadequado ignorar a existência de problemas ligados à natureza dos métodos qualitativos, quanto manter uma visão simplista deles. (1996, p. 4)

Outro problema acerca das pesquisas qualitativas é levantado por Martins (2004, p. 294): a subjetividade resultante da aproximação entre o pesquisador e os

sujeitos de sua pesquisa, tendo em vista que o “mergulho na vida do grupo e em culturas às quais o pesquisador não pertence depende de que ele convença o outro da necessidade de sua presença e da importância de sua pesquisa”. A aceitação do pesquisador por parte do grupo é fundamental para que os sujeitos pesquisados aceitem falar de si e permitam que o pesquisador transite em seu ambiente sem restrição. Tal invasão de privacidade “[...] exige uma aproximação baseada na simpatia, confiança, afeto, amizade, empatia, etc.”.

Martins lembra ainda que:

como é possível — dizem eles — fazer uma pesquisa, garantir a objetividade e a neutralidade, partindo-se de um relacionamento marcado, por exemplo, pela amizade? Esse mal-estar positivista gera uma constante acusação de falta de confiabilidade em relação a dados obtidos a partir da relação entre pesquisador e pesquisado marcada por sentimentos. (2004, p. 294)

Tendo presente as limitações apresentadas acima e que as conclusões das pesquisas realizadas somente são possíveis em razão dos instrumentos que são utilizados e da interpretação dos resultados e que o uso adequado dos instrumentos oferece a outros pesquisadores a possibilidade de refazer o caminho da pesquisa e, desse modo, avaliar e confrontar as afirmações que fazemos, apresentam-se a seguir as técnicas e coleta e tratamento dos dados utilizadas que se deram a partir da “natureza do problema que se quer estudar e das questões e objetivos que orientam a investigação, a opção pelo enfoque qualitativo”. (Martins, 2004, p. 63)

3.1 Técnicas de coleta e de tratamento dos dados

Como técnica de coleta de dados utilizou-se a realização de entrevistas semiestruturadas (Apêndice A). Para tratamento dos dados foi usada a análise de conteúdo, conforme proposta de Bardin (2011), a partir da utilização do software ATLAS-TI.

Conforme nos diz Bauer (2010, p. 189) “A grande maioria das pesquisas sociais se baseia na entrevista” e seria utópico tentar achar uma forma ideal para interpretar esses dados, pois são diversas as técnicas ou metodologias para se interpretar um “corpus” de dados.

A estratégia de coleta de dados foi dividida em três partes:

- a) entrevistas com os empresários ainda vivos ou seus descendentes;
- b) coleta de depoimentos de agentes privilegiados - políticos, ex-diretores de escola, ex-diretores e membros de entidades civis, ex-empresários, antigos empregados das empresas selecionadas;
- c) consulta documental - bases de dados oficiais; arquivo municipal; revistas; jornais; livros; relatórios das empresas; arquivo da igreja luterana IECLB de Panambi Centro; arquivos pessoais dos entrevistados.

As entrevistas semiestruturadas com os atores econômicos foram realizadas com os diferentes setores industriais, gerando dados específicos sobre o território em função do seu conhecimento e sua visão privilegiada sobre o empreendedorismo da economia local, propiciando uma visão da dinâmica do desenvolvimento local/regional.

A análise da documentação disponível proporcionou a obtenção de uma visão a partir de números e fatos que foram confrontados com as manifestações contidas nas entrevistas para corroborar e preencher eventuais lacunas.

Os depoimentos serviram para obter uma visão de quem está de fora do processo empresarial direto e corroborar fatos e eventos para compor o mosaico do habitus a ser verificado como fundante do empreendedorismo em Panambi-RS.

Em qualquer método a ser aplicado na análise dos dados o importante é que o pesquisador conheça as várias formas de análise que existem na pesquisa qualitativa e reconheça suas diferenças. Isso permitirá uma escolha consciente do referencial teórico-analítico, decorrente do tipo de análise que irá empregar na sua pesquisa, fazendo sua opção com responsabilidade e conhecimento. (BAUER e GASKELL, 2010)

Para Bauer,

a análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do corpus do texto, considerável atenção está sendo dada aos "tipos", "qualidades", e "distinções" no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. o divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos. (2010, p. 190)

Existem dois tipos de textos que podem ser trabalhados pela análise de Conteúdo: os textos produzidos em pesquisa, através das transcrições de entrevista

e dos protocolos de observação, e os textos já existentes, produzidos para outros fins, como textos de jornais, atas, diários etc.

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados qualitativos que se aplica a “discursos” extremamente diversificados. A análise de conteúdo oscila entre a objetividade e a subjetividade, sendo o investigador absorvido pela atração do escondido, do latente, do não aparente de qualquer mensagem. Analisar o conteúdo das entrevistas consiste numa tarefa de “desocultação”, onde se é “agente duplo, detective, um espião”. Pois detrás de qualquer texto, de qualquer opinião aparentemente clara esconde-se um significado, um sentido que é importante desvendar (Bardin, 2011, p.15).

A análise de conteúdo é marcada por uma grande diversidade de formas e é adaptável a um campo de aplicação muito vasto, podendo ser uma análise dos ‘significados’, como na análise temática, ou uma análise de ‘significantes’, como na análise léxica.

Para Bardin,

a análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes, dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (2008, p.32)

Segundo Bardin (2011, p.44-48) A análise de conteúdo consiste, então, num conjunto de “técnicas de análise das comunicações”, pois “não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos”. Assim, “não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas apenas algumas regras base”.

Conforme aponta Bauer

podemos distinguir dois objetivos básicos da análise de conteúdo ao refletir sobre a natureza tríplice da mediação simbólica: um símbolo representa o mundo; esta representação remete a uma fonte e faz apelo a um público (Buehler, 1934). Através da reconstrução de representações, os analistas de conteúdo inferem a expressão dos contextos, e o apelo através desses contextos. Fonte e público são o contexto e o foco de inferência. Um corpus de texto é a representação e a expressão de uma comunidade que escreve. Sob esta luz, o resultado de uma AC é a variável dependente, a coisa a ser explicada. (2010, p. 192)

Assim na análise do conteúdo de mensagens é importante ir para além do que aparece, do que se manifesta; é fundamental descobrir o discurso por detrás das palavras expressas.

Tendo como base as “unidades de registro ou de codificação” das mensagens dos sujeitos (que podem ser aquilo que de menor, particular e específico for referido) e do próprio instrumento da entrevista, foram definidas as categorias de análise das mensagens, que podem ser comparadas a “caixas de sapatos dentro das quais são distribuídos objetos”; consistem numa “espécie de gavetas” que permitem a classificação dos elementos referidos, ou seja, pode ter-se um armário com várias gavetas, cada uma das quais com uma designação e o corpus de dados serão distribuídos tendo em conta essa designação, isto é, a gaveta a que pertencem. Assim, os dados de cada gaveta devem ter uma relação entre si. (Bardin 2011)

Para Laurence Bardin, análise de conteúdo é,

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (2011, p. 48)

A análise por categorias é o tipo de análise mais antiga, sendo realizada através do desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamento análogos, podendo ser temática, construindo as categorias conforme os temas que emergem do texto. Para classificar os elementos em categorias é preciso identificar o que eles têm em comum, permitindo seu agrupamento.

A técnica de Análise de Conteúdo se compõe de três grandes etapas: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados e interpretação. Na primeira etapa como a fase organizativa, pode utilizar vários procedimentos, tais como: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda etapa os dados são codificados a partir das unidades de registro. Na última etapa se faz a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns.

Para que possa realizar a sua função de análise das mensagens, a análise de conteúdo conta com a linguística e com as técnicas documentais, apesar de construir para si um campo próprio de investigação. O objeto da linguística é a língua, no que se refere ao seu uso coletivo e virtual (como possibilidades de uso)

da linguagem; já a análise de conteúdo tem como objeto a palavra, no que se refere ao aspecto individual e atual (em ação) da linguagem.

Bauer nos diz que,

os procedimentos da AC reconstróem representações em duas dimensões principais: a sintática e a semântica. Procedimentos sintáticos se enfocam os transmissores de sinais e suas inter-relações. A sintaxe descreve os meios de expressão e influência - como algo é dito ou escrito. A freqüência das palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência. O freqüente emprego de uma forma de palavras que não é comum pode identificar um provável autor e determinado vocabulário pode indicar um tipo provável de público. Os procedimentos semânticos dirigem seu foco para a relação entre os sinais e seu sentido normal- sentidos denotativos e conotativos em um texto. A semântica tem a ver com "o que é dito em um texto?", os temas e avaliações. Palavras, sentenças e unidades maiores de texto são classificadas como exemplos de temas predefinidos e avaliações. A co-ocorrência freqüente de palavras dentro da mesma frase ou parágrafo é tomada como indicador de sentidos associativos. (2010, p.192 – 193)

Para Bardin (2011) tema é a unidade de significação que naturalmente emerge de um texto analisado, respeitando os critérios relativos da teoria que serve de guia para esta leitura.

Para “desocultar” as falas dos sujeitos da pesquisa tendo como fio condutor os conceitos de *habitus*, empreendedorismo e desenvolvimento local/regional, utilizou-se como técnica de análise a análise de conteúdo temática que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou freqüência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado.

4 O VALE DAS BORBOLETAS AZUIS

O município de Panambi localiza-se no Estado do Rio Grande do Sul (Brasil), na região denominada planalto rio-grandense (Figura 1), região caracterizada pelos campos serranos, no entroncamento das rodovias BR-285 e BR-158. Conhecida como Cidade das Máquinas, ostenta o título de 3º Polo Metalmeccânico do Estado devido ao seu diversificado parque industrial, no qual se observa o desenvolvimento endógeno.

Com intensa atividade laboral a beira de um riacho de fio de água (arroio do Moinho), viram na água uma grande riqueza e a potencialidade que norteou e incentivou as diversas atividades iniciais, vislumbradas com a possibilidade da utilização da força hidráulica que poderia acionar engenhos, moinhos, serrarias, ferrarias e oficinas artesanais e com seus produtos foram construindo um povoado desde suas casas, estradas, pontes, escolas, trilho de trem, linha de telefone (contrato ANEXO A) e assim se sucedeu até suas indústrias atuais. Como nos relata Leitzke (2002, p. 63): “[...] em 1916 esse proprietário instalou um gerador movido por uma turbina de apenas 5 CV numa queda de somente 1,80 m, passando a fornecer luz elétrica para uns poucos consumidores do povoado. É esse, portanto, o momento da gênese da energia elétrica em Panambi”.

Destacam-se hoje empresas panambienses de diversos setores, as quais tiveram o início de sua atividade junto com a geração de eletricidade, são elas: KEPLER WEBER; SAUR; METALÚRGICA FAULHABER-FUCA; HIDROPAN; OLVEPIN; BRUNING TECNOMETAL (antiga Ernesto Rehn); INDÚSTRIAS ELÉTRICAS FOCKINK e REINKE. Todas as empresas de origem familiar com mais de 65 anos de atividades, empresas de expressão nacional e internacional.

O espaço geográfico que hoje integra o município, outrora pertenceu ao município de Cruz Alta. Sua hidrografia apresenta como principais rios: Palmeira; Fiúza; Caxambu – sendo que o rio Fiúza é seu principal manancial de água percorrendo praticamente todo o seu território.

Seus limites são: Condor ao norte, Santa Bárbara do Sul ao leste e sudoeste, Pejuçara ao sul e Bozano e Ajuricaba a oeste e noroeste.

A povoação, de origem portuguesa ocorreu a partir de 1820 e a colonização, de origem alemã, iniciou com a fundação da Colônia chamada “Neu-Württemberg” (Figura 2). O Hermann Meyer, pesquisador alemão, em expedição realizada ao Mato Grosso, tomou conhecimento da existência de terras férteis no Estado do Rio Grande do Sul. Para promover trabalhos de colonização manteve um administrador remunerado, o senhor Carlos Dhein, que lavrou a escritura da colônia para Dr. Meyer, em 31 de agosto de 1898. (NEUMANN, 2009)

Como nos assinala Fausel, corroborado por Beuter (2013) o nome da colônia está ligado aos suevos de Württemberg,

[...] O nome de Neu-Württemberg pode ser assegurado com absoluta certeza, a despeito de todas as objeções e lendas em curso. Já fora escolhido na Alemanha pelo fundador da colônia, Dr. Herrmann Meyer, antes que ele a tivesse visto. A razão que levou o Dr. Meyer a dar este nome foi simples: Um de seus principais conselheiros em assuntos de colonização era natural de Württemberg e lhe mandara como primeiros colonos os dois suevos Holzwart e Friedrich Zügel, trazidos ao Brasil pelo próprio Dr. Meyer quando da sua primeira viagem à Serra do Rio Grande. (1949, p.4)

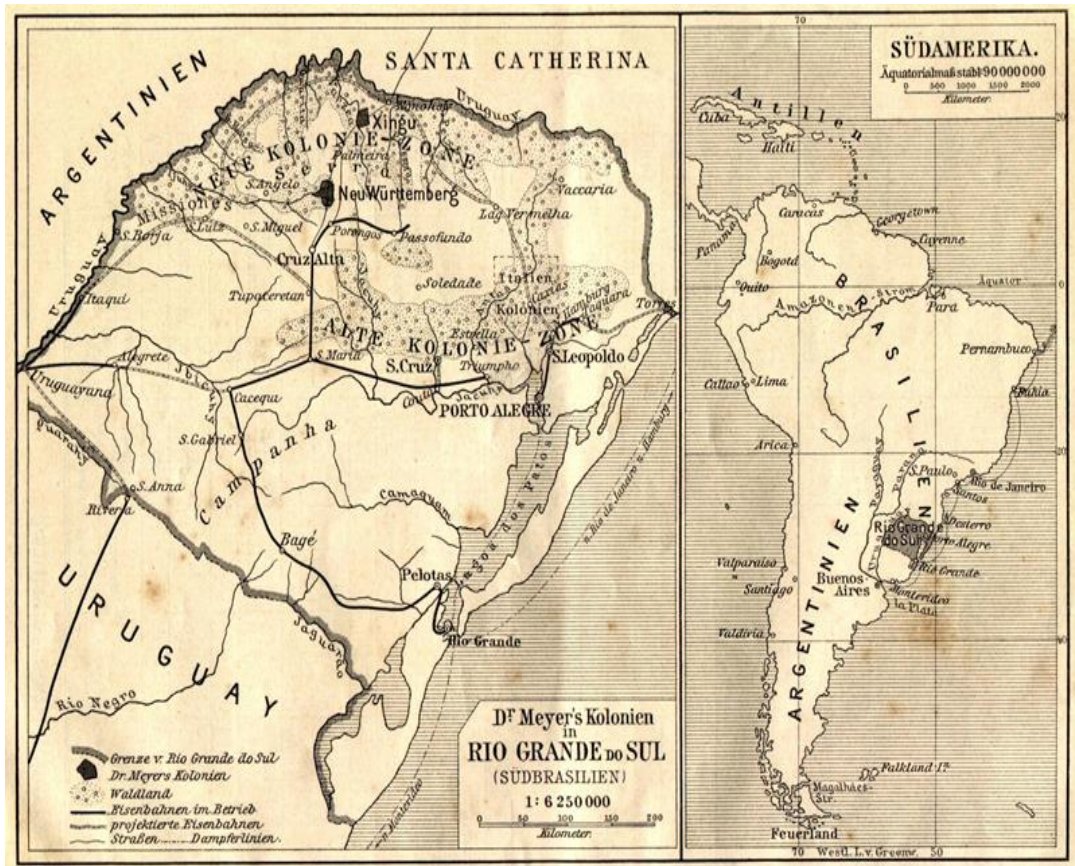
A colonização visava inicialmente imigrantes vindos de Württemberg, na Alemanha, mas, devido a complicações de imigração na Alemanha, inicialmente, também, famílias vindas das antigas colônias da região de Estrela e Santa Cruz do Sul ocuparam seu espaço no local. (NEUMANN, 2009)

Figura 1 - Mapa de localização



Fonte: <http://www.panambi.rs.gov.br/mapa.php>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_location_map.svg

Figura 2 – Mapa Localização Neu-Württemberg

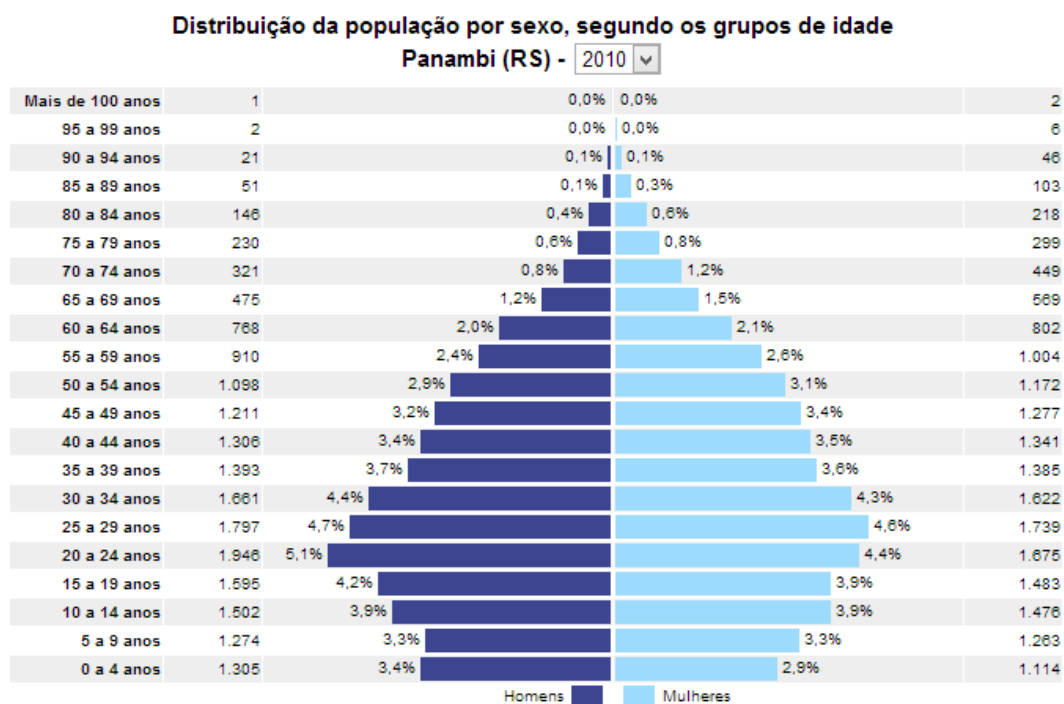


Fonte: Meyer, 1903

No que diz respeito aos dados relativos ao crescimento populacional, apresenta uma população cada vez mais urbana e continua com a mesma média de nascimentos desde a emancipação em torno de 500 nascimentos anuais (IBGE, CENSOS 1950 a 2010).

Tal comportamento configura a população em processo de envelhecimento, 13,4% dela tem mais de 60 anos de idade (Gráfico 1). Conforme pode-se notar, na Tabela 2, tem-se 57% da população em idade produtiva e uma taxa de dependência em declínio, porém há uma grande expansão da população com mais de 65 anos, que cresceu 61% entre 2000 e 2010 ao passo que a população em idade produtiva cresceu apenas 21% no mesmo período. Tal fato se torna preocupante, pois a população com menos de 15 anos que seria a que repor a força de trabalho teve um decréscimo de 7% entre 2000 e 2010.

Gráfico 1 – Distribuição população 2010



Fonte:

http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?codigo=431390&corhomem=3d4590&cormulher=9cdbfc

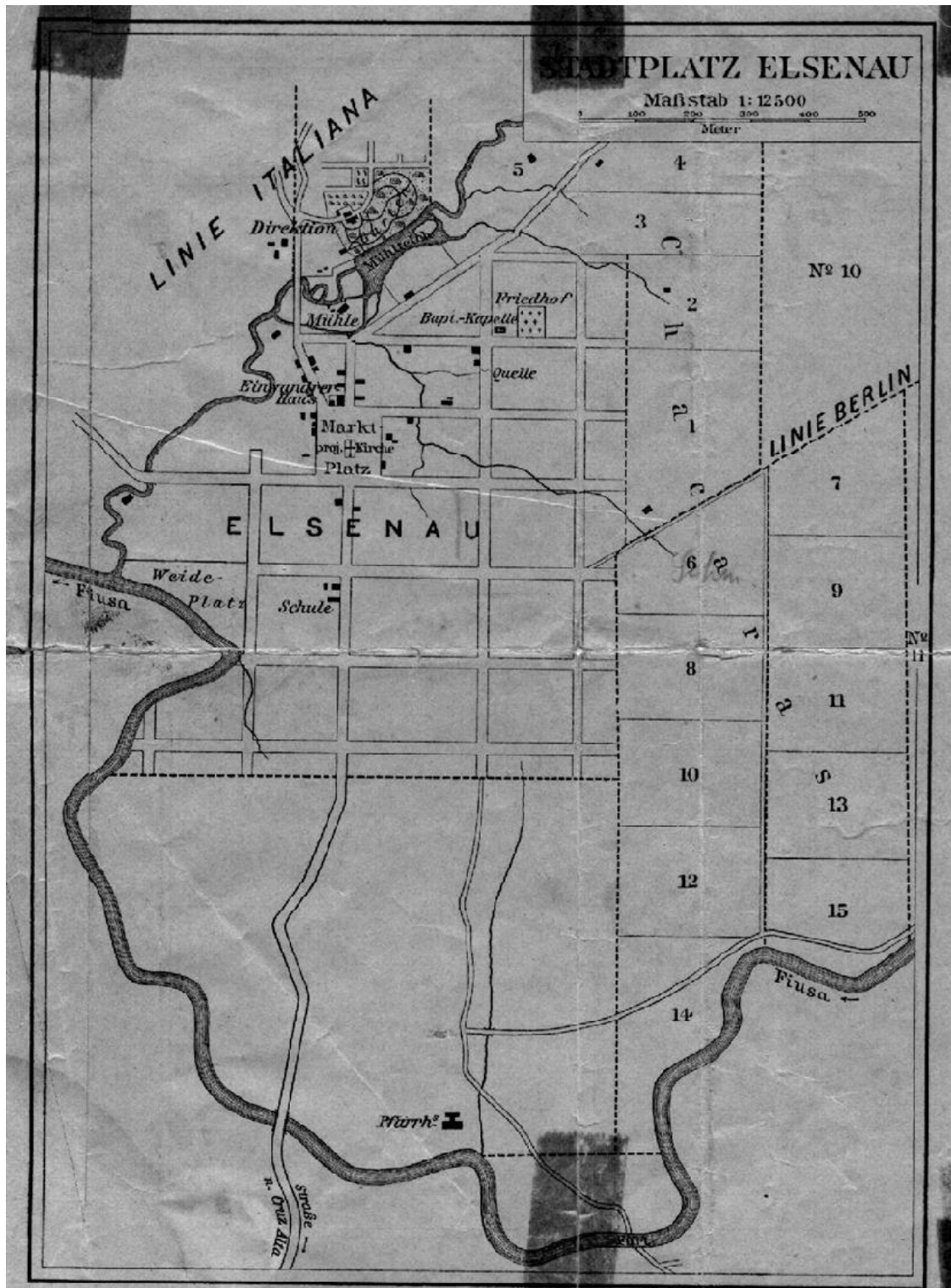
TABELA 2 PANAMBI- ESTRUTURA ETÁRIA 1991, 2000 e 2010

	1991	2000	2010
Menos de 15 anos	9246	8524	7934
15 a 64 anos	18503	21892	26589
65 anos e mais	1630	2194	3535
Razão de Dependência	58,80%	49,00%	43,00%

Fonte: IBGE Censos

De 1898 até 1938, permaneceu a denominação de Neu-Württemberg para a colônia como um todo (os atuais municípios de Panambi e Condor). Com a demarcação da área urbana em 1901, recebeu a sede da colônia, atual Panambi, a designação Elsenau, como uma homenagem à esposa de Meyer, Else.

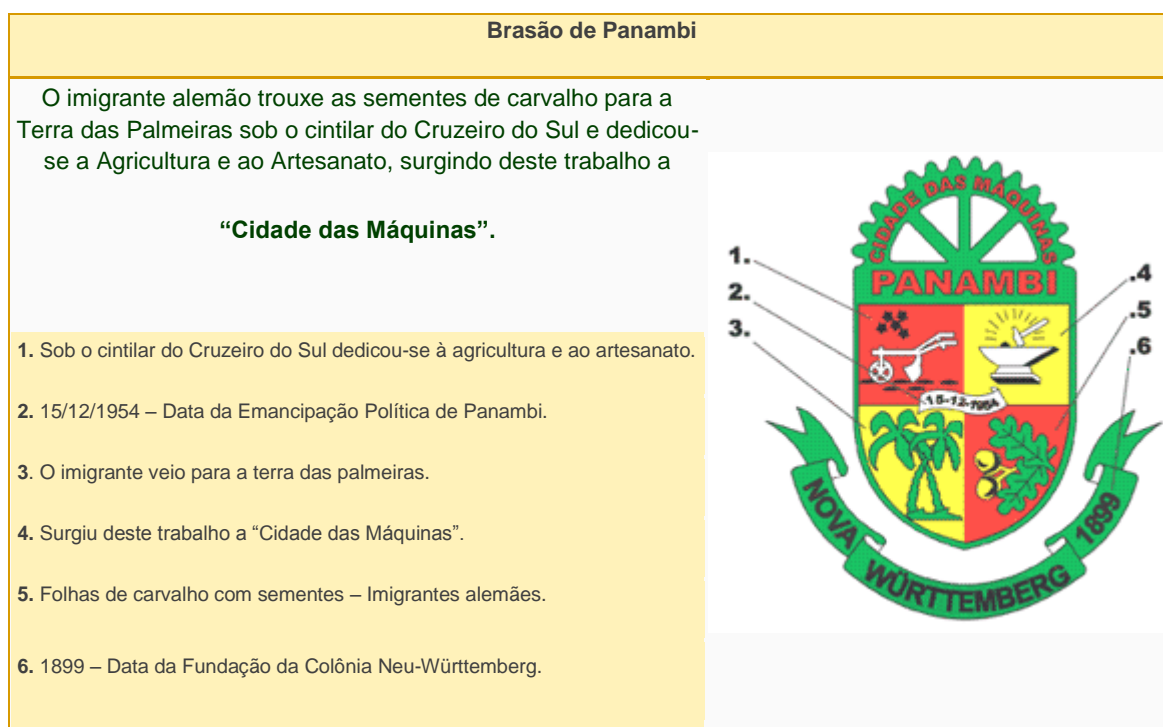
Figura 3 - Área urbana Neu-Württemberg



Fonte: MAHP - MAPAS.

As influências da imigração alemã e da industrialização no desenvolvimento do município estão presentes em seu Brasão.

Figura 4 - Brasão municipal



Fonte: <http://www.panambi.rs.gov.br/index.php?list=31>

Em 1938, a colônia foi elevada à categoria de Vila. Ainda em 1938, pelo decreto Estadual nº. 7589, de 29 de novembro, é estabelecido o nome de Pindorama, que significa Terra das Palmeiras. (NEUMANN, 2009)

Em 1944, houve mais uma alteração, passando a chamar-se Tabapirã, contudo, esse nome não chegou a ser usado oficialmente, tendo em vista que logo foi substituído por Panambi. O Decreto-Lei nº. 720 de 29 de dezembro de 1944 estabelece o nome do município para Panambi, que, desde sua atribuição, significa Vale das Borboletas Azuis (quanto a este significado há divergências, o que requer pesquisas mais aprofundadas). (NEUMANN, 2009)

Contando com uma estrutura socioeconômica bem desenvolvida, em 1949 pleiteou-se a emancipação, após uma vasta campanha. Com vários conflitos e discordâncias, realizaram-se dois plebiscitos, no período de 1949 e 1954, sendo que, no dia 15 de dezembro de 1954, é decretada a emancipação de Panambi, e marcada a data para a primeira eleição para Prefeito e para vereadores. Sua instalação oficial ocorreu em 28 de fevereiro de 1955. (NEUMANN, 2009)

Beuter (2013, p. 78-105) apresenta uma linha de tempo com fatos relevantes da constituição de Panambi-RS, dos quais destacam-se os eventos apresentados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Aspectos da história de Panambi-RS

1896 – Ano da primeira expedição de pesquisas do Dr. Herrmann Meyer para a Amazônia Brasileira – bacia hidrográfica do Rio Xingu. Nesta expedição participou como intérprete Carlos Dhein que documentou a viagem com um diário.
1897 – Dr. Herrmann Meyer fundou no Rio Grande do Sul a firma Dr. Herrmann Meyer destinada para comprar terras para colonizar nas regiões do Noroeste e Norte do Estado do Rio Grande do Sul. Nesta firma era sócio Carlos Dhein companheiro da primeira de expedição de pesquisas de Meyer ao Rio Xingu em 1896.
1898 – O Dr. Herrmann Meyer após visitar Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, chega ao Rio Grande do Sul onde visitou as colônias velhas e depois o município de Cruz Alta. Neste município ele visitou a Gleba Magdalena, na margem direita do Rio Caxambu, onde ele determinou o início da sua segunda colonização no Estado do Rio Grande do Sul. A primeira colonização foi a Colônia Xingu que começou no ano de 1897.
1898 – Após a sua visita a Gleba Magdalena, Herrmann Meyer faz uma viagem de reconhecimento pelo norte e noroeste do Rio Grande do Sul. [...] A viagem tinha três objetivos principais:
1º Conhecer áreas de mato próprias para serem colonizadas.
2º Avaliação de uma parte do percurso Nonoai até São Luiz Gonzaga e do trajeto entre as ruínas de São Miguel das Missões até Cruz Alta, passando pela Colônia Ijuhy, para a construção de uma ferrovia pela Companhia Ferroviária do Noroeste, empresa que estava sendo organizada por Meyer na Alemanha. Esta futura ferrovia que seria construída através destas duas regiões era interessante para Herrmann Meyer, porque o Governo do Estado, o qual estava nas mãos do Sr. Borges de Medeiros e do seu padrinho político, amigo pessoal de Meyer, Sr. Júlio de Castilhos, cedia duas faixas de terras, 10 km em cada lado da ferrovia, para serem colonizadas pela empresa construtora.
3º Fazer um estudo comparativo dos índios da região com os índios Camaiurás ou Caiuas, Trumais e Aetos, descobertos e estudados no Rio Xingu, que pertenciam ao mesmo tronco étnico e tronco linguístico dos índios guaranis.
1899 – Herrmann Meyer volta para a Alemanha e na cidade de Berlim fundou a empresa Dr. Herrmann Meyer e Cia., concessionária da Companhia Ferroviária do Noroeste - Northwest Bahngesellschaft – com um capital inicial de 30.000 marcos que foram repassados no Brasil pela firma Dr. Herrmann Meyer extinta após o desentendimento contábil com o sócio Carlos Dhein.
1899 – A colônia que depois seria a Colônia Modelar Neu-Württemberg recebe os primeiros colonos que ali se fixaram para dar início a atividades agrícolas. Por isso esta data foi inscrita na base do brasão do município de Panambi.
1900 – Após desentendimentos na área contábil com Carlos Dhein, Meyer transforma a firma Dr Herrmann Meyer e Companhia na empresa que recebeu o nome de Colonizadora Dr. Herrmann Meyer. O engenheiro construtor de ferrovias, Horst Hoffmann, amigo de Meyer desde os estudos na Universidade, onde se conheceram, assume a direção da Colonizadora e da Companhia Ferroviária do Noroeste .
1901 – Logo depois da fundação de Elsenau, Hoffmann manda construir a Casa do Imigrante, os escritórios da Colonizadora, uma escola comunitária, a casa do diretor da Colônia e a casa para abrigar um professor.
1902 – No dia 14 de outubro, o Presidente do Estado (Governador) do Rio Grande do Sul, Sr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, assina o decreto da criação da Colônia Modelar Neu-Württemberg que conforme os planos do colonizador e pesquisador Dr. Herrmann Meyer, devia estudar o clima da região, produzir experimentos agrícolas para toda a região colonial do Rio Grande do Sul e implantar uma agricultura com bases cooperativistas.
1902 – Na última semana de outubro chegaram na Colônia Modelar Neu-Württemberg o casal,

<p>pastor Hermann Faulhaber e a professora Marie Faulhaber que Meyer contratou no Estado de Württemberg - Alemanha. Ali, na cidade de Witzhausen, o casal trabalhava numa Escola Agrícola para treinamento de colonos alemães que queriam emigrar. Faulhaber era secretário desta instituição educacional e beneficente.</p>
<p>1903 – No dia 7 de janeiro foram iniciadas as atividades letivas da Escola Comunitária Elsenau, hoje Colégio Evangélico Panambi.</p>
<p>1903 – Neste ano é impresso no Instituto Bibliográfico da cidade de Leipzig o projeto das Colônias Agrícolas da Colonizadora Dr. Herrmann Meyer que no projeto receberam o nome de Neu-Württemberg e de Xingu.</p>
<p>1903 – O casal Faulhaber organiza e instala uma biblioteca escolar e comunitária com livros doados pelo Instituto Bibliográfico da cidade de Leipzig de propriedade da Família Meyer. Esta coleção de livros foi a origem da futura Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber.</p>
<p>1903 – Por determinação de Meyer, Horst Hoffmann e Hermann Faulhaber instalaram uma Estação de Pesquisas Meteorológicas e de Pesquisas Agrícolas na localidade que recebeu o nome de Colônia Modelo que estava agregada a um Comitê de Atividades Agrícolas de Berlim. As pesquisas ali produzidas deviam ajudar no desenvolvimento da agora chamada Colônia Modelar Neu-Württemberg e de toda a região colonial do Rio Grande do Sul</p>
<p>1903 – Faulhaber e Hoffmann fundaram a Associação de Agricultores Neu-Württemberg - Bauernverein Neu-Württemberg.</p>
<p>1903 – Morte Júlio de Castilhos</p>
<p>1904 – O diretor Alfred Bornmüller manda demarcar o traçado de uma estrada que ligaria o povoado de Elsenau com a cidade de Cruz Alta.</p>
<p>1904 – Faulhaber e Bornmüller fundaram a Cooperativa Neu-Württemberg (Genossenschaft Neu-Württemberg), uma das primeiras cooperativas de produção e consumo no Brasil.</p>
<p>1906 – Em fevereiro deste ano começou funcionar a primeira escola pública na Colônia Modelar Neu-Württemberg sob a direção do professor capitão Menoly Gomes Amorim. O professor Menoly foi contratado para alfabetizar as crianças luso descendentes da Colônia e ministrar aulas particulares de português para imigrantes alemães.</p>
<p>1906 – Com a doação de um terreno pela Colonizadora foi fundado a Comunidade Eclesiástica Batista, a terceira do Brasil.</p>
<p>1907 – O diretor Alfred Bornmüller retorna para a Europa e o Pastor Hermann Faulhaber assume a direção da Colônia Modelar Neu-Württemberg e da Colônia Xingu.</p>
<p>1910 – Com a doação de um terreno pela Colonizadora foi fundada a Comunidade Eclesiástica Católica São João Batista. (Elsenau, sede da Colônia Modelar Neu-Württemberg estava localizada na região da antiga Missão Jesuítica Guarani São João Batista, fundada pelo padre jesuíta austríaco Anton Sepp von Rechegg em 1697).</p>
<p>1911 – No dia 15 de maio começou a funcionar uma linha telefônica entre a cidade de Cruz Alta e a Colônia Modelar Neu-Württemberg.</p>
<p>1913 – Neste ano foi instalada uma agência do Correio e Telégrafo no povoado de Elsenau.</p>
<p>1913 – Por exigência do Correio e do Telégrafo, para evitar o extravio de correspondência, a denominação do povoado de Elsenau é alterada para a denominação Neu-Württemberg que era o nome da Colônia.</p>
<p>1914 – No dia 28 de julho deste ano deflagra a Primeira Guerra Mundial. Três anos depois o Brasil declara Guerra a Trílice Aliança ou Intente, formada pela Áustria, Alemanha e Turquia. Com esta declaração de guerra, Dr. Herrmann Meyer perde o cargo de Cônsul Honorário do Brasil na cidade de Leipzig.</p>
<p>1915 – A parada do trem entre as Estações de Laguão e de Porongos, foi transformada em Estação ferroviária (futura Estação Belizário) para atender melhor o recém formado Distrito de Neu-Württemberg.</p>
<p>1916 – A Colônia Modelar Neu-Württemberg foi desmembrada do 4º Distrito de Santa Bárbara para formar o 8º Distrito do Município de Cruz Alta, mantendo o nome de Neu-Württemberg.</p>
<p>1918 – Com o término da Primeira Guerra Mundial [...] A crise financeira deste fato refletiu-se diretamente no desenvolvimento das Colônias de Neu-Württemberg e Xingu que acolheram muitos migrantes arrasados e pobres, procedentes da Alemanha a República de Weimar em crise, assim como das regiões e das colônias de além-mar subtraídas do Império Alemão.</p>
<p>1922 – A incrível hiperinflação alemã [...] intensificou o fluxo migratório para as colônias fundadas por Herrmann Meyer no Brasil. [...] Porém, um mês depois, ao chegarem no destino a inflação tinha corroído o valor das suas economias, transformando-os em pobres mendigos. Eram pessoas com alto nível escolar e técnico que se transformavam assim em problemas</p>

sociais para a colonizadora.
1923 – Em maio deste ano, o Distrito cruzaltense de Neu-Württemberg é invadido pelo maragato Leonel Rocha.
1923 – A invasão de Leonel Rocha obriga Faulhaber a organizar o Selbstschutz (Sistema de autodefesa das Colônias sob sua direção)
1923 – Vinte e cinco anos depois da fundação da Colônia Modelar Neu-Württemberg, e oito anos depois da criação do oitavo distrito de Neu-Württemberg, a arrecadação de impostos do distrito ultrapassa a arrecadação do primeiro distrito do município de Cruz Alta (cidade). Os dados desta arrecadação e dos anos seguintes constam em um relatório do Prefeito Municipal, Dr. José de Vasconcelos Pinto, que este registrado nos anais da Câmara Municipal do ano de 1927.
1926 – No dia 22 de julho deste ano chega ao Distrito Neu-Württemberg o primeiro médico habilitado segundo as leis brasileiras de nome, Dr. Andréas Hermann August Liberknecht formado pela Universidade de Marburg.
1926 – No dia 10 de julho deste ano instalou-se no Distrito de Neu-Württemberg um Tiro de Guerra para reforçar a segurança contra a invasão de marginais da região campestre.
1926 – No dia 27 de setembro deste ano, foi inaugurada uma Usina hidroelétrica no Rio Alegre com uma potência instalada de 0,25 MW, construindo por Karl Ernst Knorr.
1927 – Organiza-se a Fundação Faulhaber - Faulhaber Stiftung – destinada para desenvolver as Colônias fundadas por Meyer e Faulhaber.
1931 – No dia 25 de abril deste ano um pequeno grupo de agricultores fundaram uma Cooperativa de Crédito que recebeu o nome de Caixa Rural. Esta cooperativa surgiu a partir do incentivo da Liga das Uniões Coloniais que adotou o Sistema Reiffeisen da Alemanha introduzido pelo Padre Jesuíta Theodor Amstadt no nosso país.
1931 – O governo alemão homenageia o pesquisador e colonizador Herrmann Meyer com a condecoração do Anel Alemão. A homenagem foi concedida como reconhecimento pelas suas pesquisas na América do Sul e pela fundação da Colônia Modelar Neu-Württemberg (Musterkolonie Neu-Württemberg) no Brasil.
1932 – No dia 13 de março falece na cidade de Leipzig o pesquisador da Amazônia Brasileira e colonizador no sul do Brasil, Dr. Herrmann Meyer.
1933 – No final deste ano houve o lançamento na Alemanha do livro: Neu-Württemberg, uma colonização de alemães no Rio Grande do Sul – Brasil, para divulgar o distrito e com a venda reunir dinheiro para a conclusão do prédio de alvenaria da Escola Comunitária Elsenau (Stadtplatzschule Elsenau) hoje Colégio Evangélico Panambi. Os autores do livro foram Dr. Gustav Kuhlmann e Friedrich Krahe.
1936 – No dia 8 de junho deste ano, no Salão Goldhardt foi fundada a Associação Comercial do Distrito de Neu-Württemberg com quarenta e cinco futuros associados presentes. Foram eleitos para presidente o Sr. Adolfo Franke, para vice-presidente o Sr. José Schullien, para primeiro secretário o Sr. Adolfo Hepp, para segundo secretário o Sr. Carlos Hisserich para primeiro tesoureiro o Sr. Adolfo Kepler Filho ou Júnior, para segundo tesoureiro o Sr. Oscar Schneider. Para conselho fiscal foram eleitos os senhores, Walter Faulhaber, Eduard Hempe e Luiz Martin Hack.
1937 – No início deste ano começou funcionar uma escola técnica profissionalizante para formar operários especializados para o emergente parque fabril do Distrito de Neu-Württemberg. Esta escola técnica profissionalizante (Handwerkschule), sob a orientação dos engenheiros Erich Schild e Walter Faulhaber, também conhecido pelo nome de escola das indústrias (Gewerbeschule) estava agregada à Escola Comunitária Elsenau e ministrava os cursos: desenho técnico, mecânica, tornearia, eletricidade e trabalho com madeira. Alfredo Fockink, fundador da fábrica do atual Grupo Fockink e Ernestro Rehn, fundador da empresa que depois deu origem a Bruning Tecnometal foram alunos nesta escola.
1938 – A Estação Ferroviária entre as estações ferroviárias de Lagoão e de Porongos que atendia o Distrito de Neu-Württemberg foi queimada misteriosamente no segundo ano da Campanha da Nacionalização do Estado Novo. No ano de 1942 a estação ferroviária foi reconstruída e inaugurada com o nome de Belizário.
1938 – A Ditadura Vargas através da Campanha da Nacionalização começa a desmantelar o projeto Colônia Modelar Neu-Württemberg com a intervenção na Fundação Faulhaber. Logo depois houve perseguições etno-linguística, saques etno-culturais a bibliotecas, escolas, entidades culturais, recreativas e residências particulares.
1938 – Por ato do despotismo preconceituoso da cidade de Cruz Alta, para obter promoção junto ao Governo Federal com poderes absolutos, mudaram o nome do Distrito de Neu-

<p>Württemberg para Distrito de Pindorama que significa “Terra das Palmeiras”.</p>
<p>1939 – No início do mês de março deste ano, o terror etnolinguístico e etnocultural prende o Engenheiro Erich Schild, diretor da Escola Comunitária Elsenau e da Escola Técnica Profissionalizante. Após a sua libertação condicional, restou-lhe só a alternativa de voltar com a família para a Alemanha.</p>
<p>1939 – Logo após a prisão do Diretor, a Escola Comunitária Elsenau que também abrigava o Curso Técnico Profissionalizante, foi fechada e transformada temporariamente em um aquartelamento militar para a repressão e a perseguição etno-linguística e etno-cultural da população germanófono. Todo o fichário da escola com os arquivos dos históricos escolares dos alunos foi destruído. Até arrombaram a pedra angular da fundação e de lá saquearam todos os documentos que comprovavam o início da construção do prédio.</p>
<p>Em relação ao Curso Técnico Profissionalizante, o nonagenário Friedolino Buss, no dia 21 de dezembro de 2010, deu o seguinte depoimento “Fui alfabetizado na Nordschule (Escola do Norte), também chamada de Weissbrotschule porque ali lecionava o Professor Felix Weissbrot. Aos dezesseis anos comecei a minha vida profissional na ferraria do Sr. Paul Beckert. Um ano depois, de 1935 até 1939, trabalhei na Funilaria do Sr. Edmundo Rahmeier. Em meados de 1938 tentei me matricular na “Gewerbeschule” que era uma escola fundada pelas indústrias do Distrito de Neu-Württemberg Os engenheiros Erich Schild e Walter Faulhaber, mais o projetista de máquinas Otto Weiser, eram os professores. Este curso tinha iniciado as suas atividades letivas no ano anterior e estava agregado a Escola Comunitária Elsenau, hoje Colégio Evangélico Panambi. A direção da escola orientou-me para fazer a matrícula no ano seguinte, por que seria impossível a recuperação da matéria já lecionada no primeiro semestre. No início do ano seguinte (1939), quando compareci a escola, fiquei sabendo que ela estava fechada por determinação das autoridades de ensino do município de Cruz Alta. Por isso não pude aprender um ofício e ser um operário especializado. Muitos amigos da minha juventude tiveram a mesma infelicidade.”</p>
<p>1939 – Conforme relato da bibliotecária da época, chamada Nilsa Hack, depois casada Röhle, quase no final deste ano, foram saqueados aproximadamente 6000 livros da biblioteca da Sociedade de Leitura Herrmann Faulhaber pelos agentes da repressão etno-linguística e etno-cultural, comandados na ocasião pelo Sr. Armando Dill. Por acaso ela envolveu nesta triste ocorrência o Sr. Wilhelm Schmitt-Prym, recém imigrado da Alemanha, pai de Miguel Schmitt-Prym (Prefeito de 3 mandatos). Por represália, dias depois, a família Schmitt-Prym também teve a sua casa saqueada.</p>
<p>1945 – No dia 10 de setembro foi fundado o Ginásio Evangélico Panambi que seria instalado no prédio de alvenaria da antiga Escola Comunitária Elsenau. O prédio escolar estava confiscado desde a Campanha da Nacionalização da Ditadura Vargas e precisava ser devolvido pelo governo para o início das aulas do primeiro curso secundário de Panambi. Este curso atenderia as seguintes localidades signatárias da ata da fundação: Panambi, Ijuí, Augusto Pestana, Frederico Westphalen, Coronel Barros, Três de Maio, Condor, Chapada, Três Passos, Horizontina, Tuparendi e também Cruz Alta. A instituição educacional iria manter um internato para os jovens estudantes que procediam destas localidades. A demora da devolução do prédio escolar motivou a cidade de Ijuí fundar o Colégio Evangélico Augusto Pestana.</p>
<p>1946 – No dia 20 de janeiro deste ano, Carlos Ernesto Knorr inaugura a sua segunda usina hidroelétrica. A nova unidade geradora de energia elétrica foi construída no Rio Palmeira com uma potência instalada de 0,75MW.</p>
<p>1947 – Conforme ata lavrada no dia 13 de janeiro deste ano pelo Sr. Delegado Regional de Ensino foi devolvido para a comunidade do Distrito de Panambi, ex- Neu-Württemberg, o prédio escolar fraudulentamente inaugurado em 1941 pelos antigas lideranças despóticas de Cruz Alta. Com a devolução iniciaram-se as aulas do curso ginasial, fundado dois anos antes que devia atender parte do noroeste do Estado através de um internato anexo para os estudantes das comunidades signatárias.</p>
<p>1949 – Após a sua difícil vida acadêmica na Europa, conturbada pela Segunda Guerra Mundial, retorna para Panambi o professor Herrmann Wegermann na condição de professor licenciado e depois cedido pela Alemanha. Aqui por quase três décadas liderou o desenvolvimento da antiga Escola Comunitária Elsenau, transformando-a em uma instituição exemplar para o ensino primário, secundário e até técnico profissionalizante para formar operários especializados para o parque fabril de Panambi.</p>
<p>No ano de 1957, apoiado por 22 pessoas influentes de Panambi, Wegermann idealizou e fundou a Sociedade Escola Técnica Agrícola Panambi – SETAP. Na verdade estava reativando a antiga Colônia Modelo, fundada em 1903, com a instalação de uma Estação de Pesquisas</p>

<p>Metereológicas e de Pesquisas Agrícolas, ligada ao Comitê de Economia Agrícola de Berlim. É importante lembrar também que no ano de 1964, Wegermann, ex-aluno da École Polytechnique de Paris, fundou o Ginásio orientado para o trabalho que nos moldes da antiga Escola das Indústrias (Gewerbeschule) da década de 1930 começou a formar novamente operários especializados para as indústrias metal-mecânicas de Panambi.</p>
<p>1949 – [...] no anuário de Cruz Alta do ano de 1949, página 46, o Distrito agora denominado de Panambi é destacado com o seguinte comentário: “ Exatoria Estadual de Panambi. O município de Cruz Alta, para uma perfeita demonstração de sua punjança econômica, basta salientar que é um dos poucos, pouquíssimos, do Brasil que possui uma Exatoria Estadual num distrito. É o que ocorre com a repartição estadual que está situada no progressista distrito de Panambi, um verdadeiro parque industrial que honra e orgulha Cruz Alta.”</p>
<p>1949 – Criou-se uma comissão para emancipar o Distrito cruzaltense de Panambi e o Distrito palmeirense de Condor, que a colonizadora tinha denominado de Sete de Setembro.</p>
<p>1952 – Após quase meio século de atraso, foi concluída a implantação da estrada de rodagem entre a sede do distrito de Panambi e a sede do município de Cruz Alta. Conforme o Prof. Erich Fausel, o traçado desta estrada foi executado no ano de 1904 pelo então diretor da Colônia Modelar Neu-Württemberg. Sr. Alfred Bornmüller. Segundo o caminhoneiro Erwin Schrammel, a estrada levou no mínimo três anos para ser implantada.</p>
<p>A última obra foi a ponte de ferro sobre o Rio Caxambu. Esta estrutura metálica foi uma ponte de emergência que foi cedida pelo Exército Brasileiro. Após o término da ponte, o vereador Engº Walter Faulhaber colocou ali uma faixa com a seguinte frase: “Com a conclusão desta rodovia o Governador Ernesto Dornelles, liga Panambi à vida nacional.” Hoje, a ligação asfáltica entre as cidades de Panambi e Cruz Alta obedece aproximadamente o antigo traçado feito pelo Diretor Alfred Bornmüller.</p>
<p>1953 – No dia 20 de dezembro deste ano realiza-se um segundo plebiscito emancipatório que foi amplamente favorável para a área emancipanda dos distritos de Panambi e Condor. Cabe destacar que durante a campanha deste plebiscito, o grande líder emancipacionista Walter Faulhaber, sofreu um atentado a bala no Distrito de Condor por antiemancipacionistas a serviço da elite dominante e preconceituosa de Palmeira das Missões.</p>
<p>1954 – Após um injustificável e longo ano, no dia 15 de dezembro, a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul reconhece o resultado com 98,8% a favor da emancipação e outorga o status de município para os Distritos de Panambi e Condor. O novo município recebeu o nome de Panambi.</p>
<p>1955 – No dia 28 de fevereiro deste ano, instala-se oficialmente o primeiro governo municipal do novo município. O engenheiro Walter Faulhaber foi eleito pelo voto popular para ser o primeiro prefeito e Rudolfo Arno Goldhard, na condição de vereador mais votado, assume a presidência da Primeira Legislatura da Câmara Municipal de Panambi..</p>
<p>Como já acontecia na Alemanha do pós-guerra, também aqui o primeiro prefeito eleito trabalhou sem receber honorários. Após a sua posse constituiu a sua equipe para administrar o novo município com os seguintes munícipes:</p>
<p>Prefeito: Engenheiro Walter Faulhaber (sem remuneração) * Vice-prefeito: Levino Lautert (só recebia remuneração quando assumia o cargo) Sub-prefeito do 1º distrito: (Panambi): Abílio Hartemink** Sub-prefeito do 2º distrito: (Condor): Belizário Gentil de Oliveira – Daco foi substituído na Câmara pelo suplente Antenor Pires do Rosário. Secretário: Conrado Doeth, também foi secretário nos dois seguintes mandatos de prefeito. Coordenador do Ensino Municipal: professor poliglota Bruno Prass ficou na coordenação por dois mandatos de prefeito. A sua meta foi organizar o ensino municipal para chegar ao nível do tempo da antiga Colônia Modelar Neu-Württemberg. Tesoureiro Maria Heinkel e Sílvia Handel, que logo depois se casou com Roland Koch e foi substituída por Lili Pinz Topografia: Walter Faulhaber e Ernst Dietz Patroleiro: Bertholdo Fockink Pedreiro chefe: Osvaldo Blume Motorista: Edgar Ritter - Caminhão novo Ford-Rhein João Jorge Lieberknecht – Caminhão Ford Antigo. Carros Municipais: um jeep – sobra de guerra - Um automóvel chevrolet carro particular do Prefeito a disposição da Prefeitura.</p>

A hoje “cidade das máquinas” que pulsa no vale das borboletas azuis tem a sua constituição na iniciativa privada. O poder público que absorveu Panambi-RS tirou proveito desta situação durante muito tempo, mas esqueceu de manter viva a nascente de onde britou esta borboleta e hoje, como será evidenciado na análise a

seguir, parece ter perdido seus rumos e as engrenagens das máquinas estão desgastadas pelo tempo e sem a devida manutenção.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A pesquisa desenvolveu-se em Panambi-RS no período de maio a dezembro de 2013. Foram entrevistadas onze pessoas sendo duas do sexo feminino e nove masculinos. Dos entrevistados dois se colocam num duplo papel de agentes privilegiados e de empresários, dos outros nove restantes tiveram quatro agentes privilegiados e cinco empresários.

A utilização do software ATLAS-TI proporcionou o desvelamento das categorias para a análise temática de conteúdo conforme proposta por Bardin (2011). Após a degravação e uma primeira leitura flutuante dos textos, estes foram submetidos aos processos de codificação e análise através do software de onde os temas foram retirados e trabalhados em função do referencial teórico proposto.

Antes de apresentarmos os temas de análise destacamos que diferentemente de outras regiões de colonização alemã no Rio Grande do Sul a colonização de Panambi-RS foi privada, havia uma empresa de colonização que comprou a terra dividiu os lotes e fez a infraestrutura de estradas e estabeleceu os contornos da cidade. O imigrante tinha meios para pagar e se estabelecer. Tinha de produzir para pagar seus lotes, portanto tinham de empreender para honrar seus compromissos e obter o retorno de seu investimento.

Como temas para análise destacamos como centrais nas entrevistas: germanidade; empreendedorismo; desenvolvimento local.

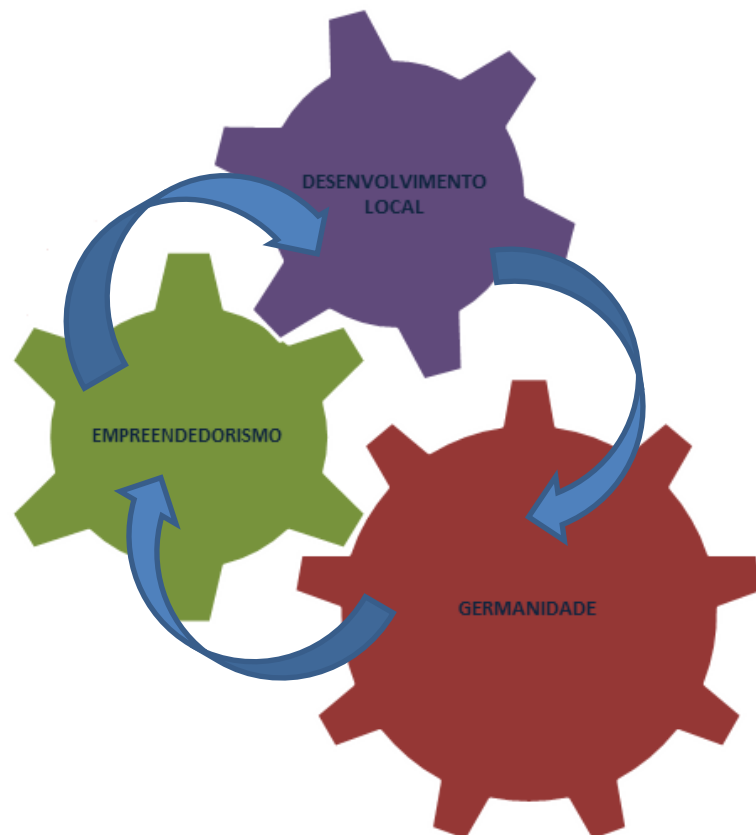
Religião, educação e trabalho configuraram a germanidade dos imigrantes de Panambi-RS. A germanidade fundada nos aspectos citados os impelia a empreender, pois o fracasso não era admissível. É o habitus, o social incorporado nos usos costumes e dialeto comum, pois eram de Württemberg – suábios.

O empreendedorismo se dá pelo conhecimento trazido dos ofícios aprendidos na Alemanha, pelo trabalho árduo e pelo espírito comunitário alicerçado na religião. Como já destacamos anteriormente muitos imigrantes possuíam mais de um. São oferecidas pela empresa colonizadora ferramentas, calendário de plantio, instruções de como proceder nos primeiros meses, preços dos serviços e provisões. Quem veio sabia para que vinha e o que o esperava. Mesmo que a propaganda de venda dos lotes fosse pintada com cores mais doces apresentava, um território de oportunidades a quem quisesse empreender.

Os diversos empreendedores produzem e geram o progresso. O Desenvolvimento Local logo aparece no pioneirismo da energia elétrica, do acesso ao trem, do telefone, do Correio e nas diversas indústrias que surgem (móveis, madeiras, metalúrgicas). Em menos de três décadas um distrito de Cruz alta, perdido no planalto rio-grandense, possui energia para mover suas máquinas, um luxo que muitas cidades antigas não possuíam.

A **germanidade** e o **empreendedorismo** geram o **desenvolvimento local** singular, pois permitem o surgimento de empresas que reafirmam os laços comunitários e geram progresso reafirmando a base deste sucesso – o tripé religião, escola e trabalho, ou seja, a germanidade. Esta relação esta apresentada na figura abaixo, que demonstra o imbricamento destes temas geradores que resultou na singularidade do processo de desenvolvimento de Panambi-RS

Figura 5 - Imbricamento dos temas



Fonte: Elaborado pela autora

Após demarcarmos os temas e apresentarmos o seu imbricamento vamos discutir cada um deles e seus componentes através das falas dos entrevistados entremeando com outros elementos ilustrativos. Os agentes privilegiados serão designados AP com numeração de um a quatro e os empresários de EMP numerados de um a cinco. Os entrevistados que apresentam duplo papel colocaremos a designação de APE um e dois.

A conformação da Germanidade, do empreendedorismo e do desenvolvimento local são apresentadas a seguir a partir das entrevistas realizadas.

5.1 Germanidade

A germanidade estava posta no projeto do colonizador Hermann Mayer e exigida pela Alemanha para a saída de seus cidadãos. Era muito importante a manutenção dos vínculos com a pátria mãe e esta se dava pela religião, educação e pelo esmero no trabalho. Conforme Neumann (2009, p. 133) o projeto de Meyer:

visava a mediar a formação de uma nova Heimat, reproduzindo um modelo de cidade alemã utópica, representada concretamente pela colônia Neu-Württemberg, dotando-a de todos os elementos materiais e imateriais da velha Heimat. Seus propósitos atendiam às expectativas dos emigrantes alemães, que abandonavam sua Heimat em busca de melhores condições de vida, unindo-os em um mesmo projeto.

Em Michels (2007) temos a corroboração desta assertiva pois:

A primeira imagem que vem à tona ao se falar de Panambi está relacionada com sua constituição étnica. Panambi é conhecida, por si e para si mesma, por outras localidades e pela literatura (regional, nacional e internacional), como “cidade alemã.

Quanto à representação de cidade alemã pelos outros, podemos citar diversas fontes de pesquisa desde o início da colonização de Panambi. Sabemos que a Empresa Colonizadora de Neu-Württemberg teve outros empreendimentos na região e fora do estado, como foi o caso da colônia Xingu. Num livro sobre os cem primeiros anos da localidade, os autores relatam que Meyer teria escrito na *Koloniale Zeitschrift* de Berlim, em 21 de novembro de 1901, versando sobre a ótima impressão que tivera do Rio Grande do Sul por ocasião de sua primeira visita, em 1886, apesar de sua curta permanência. Registrou o autor: **“Eu fui me convencendo de que aqui e nenhum outro lugar do mundo os nossos alemães encontrariam a felicidade [...] então amadureceu em mim a decisão de me envolver de forma prática, fundando colônias nas quais o princípio primeiro da germanidade se manteria através de boas escolas e cura d’alma [...] com a exclusão de nacionalidades estranhas”** (Fenner et al., 1997, p.17-18-grifo nosso). (p. 40 - 42)

A germanidade como o social incorporado (*habitus*) é quem dá a ligação ao elemento que define e coloca o diferencial que proporciona o empreendedorismo e o desenvolvimento local. Ela define e delimita os contornos de pertencimento à comunidade, define vínculos e aproxima os agentes sociais. Tal força vinculante do trabalho, religião e escola moldam as vidas e estabelecem o compartilhamento de uma mesma visão de mundo. Na narrativa do APE1 “Assim todos, não se pode dizer que tenha alguém, com maior ou menos, **podemos dizer que todos tornamos uma sociedade muito competente e do trabalho fazer nascer a familiaridade [...]** Porque havia muita união, interesse pela convivência”. (grifo nosso)

Em relação ao tema trabalho e educação Malheiros (2007, p. 202) nos diz que as “[...] marcas e tradições da cultura germânica estão presentes no cotidiano da cidade, principalmente no apego ao trabalho. A justificativa quase unânime dessas marcas está na educação que os imigrantes alemães implantaram no município”.

Figura 6 - Abertura de clareira



Beginn einer Niederlassung am Urwaldsrand. (Neu-Württemberg.)

Fonte: Meyer, 1906 p. 16 - MAHP

Os colonizadores ao chegar tinham de construir suas moradias e desmatar para dar lugar aos seus plantios de criações. Como nos mostra a Figura 6 o trabalho árduo de crianças e mulheres juntos com os homens e alguns contratados foi o que tornou possível o desenvolvimento da colônia e tornou necessário o surgimento de pequenas oficinas para dar conta das ferramentas necessárias para uma melhor agricultura além da transformação dos produtos ali produzidos.

O trabalho recompensa quem se dedica com afinco. O desenvolvimento das empresas confirma isso. O depoimento do EMP1 nos fala que:

[...] o pai começou com essa oficina e aquilo foi se falando, tinha um problema e logo se falava: lá em Panambi tem um alemão lá, o cara resolve o problema. E ele ia, ia para lá, ia para cá, na época para Santa Catarina, Paraná, já tinha a evolução das serrarias, todos esses projetos, onde estavam acontecendo, ele ia.

A família trabalhava, os filhos desde pequenos se dedicavam as tarefas do ofício de seus pais tanto os meninos quanto as meninas.

Nós tínhamos desde criança que limpar a oficina, varrer a oficina, fazer esses serviços mais comuns, lavar peças. Meu irmão também fazia a rebobinagem de motor. [...] a minha irmã também passou um período na oficina. Só que a Erica fez o técnico contábil daí primeiro ela trabalhou na ASCAR. A ASCAR era da EMATER. Ela trabalhou um período ali, ela estagiou ai depois ela e o Peter começaram a industrializar, fazer essa parte dos painéis, pra proteger os motor, pra eles não queimar, um silo desses, quando queima o motor, ele fica horas parado, até que tu vai lá, troca o motor e a agricultura ali tinha poucas opções de armazenagem. (EMP2)

O meu pai ele começou com ferraria, depois ele começou a fabricar janelas e portas de ferro. Então ele era o único fabricante de janelas e portas e atendia toda a região. [...] na frente se encontra uma prensa velha, bem velha, foi a primeira máquina dele. Eu deixei aquele prensa ali pra saberem, isto foi o inici na frente se encontra uma prensa velha, bem velha, foi a primeira máquina dele. Eu deixei aquele prensa ali pra saberem, isto foi o inicio [...] o pai ficou com essa máquina, era a única máquina que ele tinha, também, essa prensa. E eu aprendi nessa prensa. (EMP3)

A marca da religião na conformação da relação de trabalho se expressa no depoimento do AP1 que diz:

[...] onde que não era costume fazer, dispensar pessoas. Se aguentava a crise, se engolia e absorvia. Isso era umas das qualidades. Quando, hoje em dia, hoje se joga fora, troca-se, faz de tudo, diminui. Mas naquela época isso era impensável. E a **formação religiosa, tanto da empresa, como da cidade**. Os três ícones, a igreja católica, a igreja evangélica e a batista, os três assim, era impensável você dizer: bom, agora não tem mais emprego para vocês. (grifo nosso)

Logo em seguida a chegada dos primeiros colonos já existia ensino,

Durante os anos de 1901 e 1902 o vendista Boehl lecionara temporariamente, de manhã das 8 às 12 horas, umas 20 crianças. O P. Faulhaber e sua esposa resolveram, imediatamente após sua chegada, fundar uma escola, dando-lhe uma orientação segura, e de lecionar –

gratuitamente – os alunos dividindo-os em duas turmas: Os principiantes e os mais adiantados. Logo após o Ano Novo de 1903 realizou-se a primeira reunião dos pais em que se tratou do início do ano letivo e da fixação das mensalidades.

A intenção do colonizador Hermann Mayer no que diz respeito a educação é alcançada na medida em que além da instituição oficial da escola em 1903 tinha também a biblioteca, que conforme Fausel:

[...] foi outra instituição modelar de Neu-Württemberg. Os primeiros volumes haviam sido doados pelo Dr. Meyer, cuja convicção era que a colônia não deveria somente ser pátria, sustento e trabalho. Era preciso proporcionar aos seus habitantes também instrução e recreio espiritual. Desde o início a procura de livros foi grande e, já em agosto de 1903, trinta leitores retiraram 71 livros e 33 jornais e revistas, de preferência obras recreativas, científicas e geográficas. Em 1906, a biblioteca, incluindo-se os livros que estavam em Xingú, contava 2291 volumes. Havia, naturalmente, numerosas brochuras e muitas obras duplas. Naquela época 29 jornais e revistas, nacionais e estrangeiras, em língua portuguesa e alemã (17 brasileiras e 12 estrangeiras), eram postas à disposição dos leitores com regularidade. O gosto pela leitura aumentou de tal modo que já no inverno de 1906, em média, cada família lia, mensalmente, 3 a 4 livros e revistas. Em 1939 esta biblioteca constava de quase cinco mil volumes, e era, em seu gênero, certamente a maior fonte de cultura de todos os núcleos de colonização. (1949, p. 26)

O relato de Kepler (1987) corrobora o trabalho da família na constituição dos empreendimentos.

Ao meio-dia eu levava o almoço para o pai, a cavalo. O seu Demétrio tornou-se nosso peão. Durante um ano, dos 5 aos 6 de idade, Otto levava o almoço a pé para o pai, ficando com ele a tarde toda. Era colocado num caixão para puxar o fole da fornalha, o que fez incansavelmente. [...] Quando, porém, era a vez de fazer eixos de carroça, tive que ajudar sempre. Isto significava bater no compasso exato, com dois malhos e o martelo de cabo curto do pai, sobre o ferro em brasa. Também tive de ajudar, quando as rodas dos carroções recebiam o arco de ferro em brasa, que, ao ser esfriado rapidamente, encolhia e não mais soltava. (p. 20)

Além do trabalho a escola e religião são indissociáveis na constituição da Germanidade em Panambi-RS. O AP4 nos revela que “[...] É, mas ela era a escola confessional, inclusive os diretores sempre eram pastores da igreja luterana”. Assertiva corroborada por Michels (2007, p. 44 - 45),

Sempre é importante lembrar que foram os luteranos que construíram a primeira escola e a primeira rede de escolas da localidade. Além do Colégio Evangélico Panambi (CEP), em 1927 havia um total de oito escolas, 336 sócios e 466 alunos na rede escolar.

Fausel (1949, p. 22) acrescenta que:

“A igreja e a escola particular, em Panambi, formaram sempre uma união e um conjunto tão íntimo que difícil se tornou sempre separá-los da história do lugar”, escreve o Padre Luiz, já diversas vezes por nós citado, caracterizando com exatidão determinado setor da história da Igreja e da

escola. Assim foi, principalmente, quando o P. Faulhaber dirigia igreja e escola, criando as bases para todo o trabalho futuro.

Figura 7 - Estudantes Neu-Würtemberg



Fonte: Meyer, 1906 p. 07 - MAHP

Conforme diz o APE1:

[...] o meu pai era um multiparticipante, ele logo que veio para cá, [...] e daí ele **começou a participar dos movimentos da igreja**, dos movimentos da escola, ele **foi durante muitos anos do conselho diretor da escola**, do esporte, ele foi da diretoria do União, Esporte União e eu tenho a impressão que a nossa família foi uma daquelas que se erradicou aqui em Panambi, participando de todas as **atividades sociais, religiosas e recreativas**. (grifo nosso)

A vinculação entre religião e escola nos é dada pelo AP2 onde afirma que:

[...] sabe que **antigamente a escola era o nosso mundo e a igreja** e tu vê se meu pai já não foi morar para Cruz Alta porque ele disse pra nós [...] não aprender a rezar o rosário e nós aprender e se criar na igreja evangélica, na época isso não me dia nada hoje eu vejo quanto isso disse pra mim tu vê e hoje eu faço trabalho para a nossa igreja minha irmã já não ela já não é

ligada a igreja ela não vê na igreja aquele potencial de empreendedorismo como eu vejo. (grifo nosso)

Igreja e a escola caminham junto à igreja e hospital trabalham junto
(grifo nosso)

O EMP1 nos revela que seu “[...] avô logico que participava da igreja, da comunidade, e de sociedades assim também”.

A preocupação com a religião foi um dos pilares centrais no projeto de colonização de Neu-Württemberg. Em 1901, dois anos após o início da colonização, temos primeiro culto da Igreja Luterana (hegemônica), da Igreja Batista e a primeira missa da Igreja Católica.

Como nos revela o EMP1 a cerca da Igreja Luterana:

O que a gente sabe da própria colonização, a colonização de Panambi foi não voltada assim para loteamentos, fazer lotes, vender e tchau, ela tinha uma preocupação, o colonizador tinha uma preocupação muito grande com escola, com ensino, **com a própria religião, a igreja e ela foi embasada aqui em Panambi.** (grifo nosso)

A religião nos lembra Michels (2007),

No site da Igreja Evangélica encontramos em seu histórico a seguinte afirmação: “Houve um tempo em que praticamente parou a vinda de famílias católicas, pois acreditava-se que a colônia de Neu-Württemberg deveria ser colonizada por famílias evangélicas”. (p. 44)

Figura 8 -Batizado



Taufe im Freien. (Neu-Württemberg.)

Fonte: Meyer, 1906 p. 08 - MAHP

Cidade alemã, cidade das máquinas e da religião é o que constitui e diferencia Panambi-RS das cidades da região noroeste do Rio Grande do Sul. Uma população homogênea com uma religião predominante (protestantismo) fornece um ambiente para o desenvolvimento de uma cultura diferenciada. Sociedade e estrutura se fundem na conformação do *habitus*.

Nos depoimentos dos entrevistados e a literatura referenciada se complementam e explicam o que torna singular o desenvolvimento local. As referências a igreja, ao trabalho e a escola se explicam pela história da constituição de Neu-Württemberg. Mas uma história de mais de 100 anos não explicaria este processo de colonização por si, pois temos vários exemplos de outras cidades colonizadas por alemães em nosso Estado.

O fato diferenciador e gerador de desenvolvimento está no *habitus*. A manutenção da estrutura comunitária reforçada pela religião, pelo domínio de um determinado ofício trazido da Alemanha e pelo apego ao trabalho cria o espaço para o surgimento de diversos empreendimentos que estão ativos desde a década de 1930. É este empreendedorismo que pretendemos apresentar e discutir a seguir.

5.2 Empreendedorismo

Trabalho, conhecimento de ofícios e o espírito comunitário, alicerçados na Germanidade, culminam na constituição do caráter Empreendedor. Não fosse isso como uma localidade longe de recursos e acesso a infraestrutura poderia se destacar na produção de produtos de metalurgia.

O trabalho árduo presente desde o estabelecimento da agricultura com abertura das roças para plantar e concomitantemente na construção dos instrumentos para a agricultura como arados e outros implementos demonstram desde cedo uma vocação industrial. No entanto o trabalho comunitário é reafirmado pela constituição de uma cooperativa que inicialmente se dedicava a produção de fumo como principal produto para exportar para as cidades vizinhas. Na Figura 9 temos o galpão da cooperativa já com fumo classificado e embalado para venda.

Figura 9 - Cooperativa início século XX



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Panambi

Conforme nos diz Malheiros,

“Entender o processo industrial de Panambi que justifica o cognome “Cidade das Máquinas” passa, necessariamente, por esse entendimento, porque o capital alemão chegou a Panambi e deu sustentação às primeiras indústrias. O capital e o imigrante foram, inegavelmente, os elementos mais importantes para que Panambi atingisse o estágio de progresso que se encontra hoje.” (2007,p.191)

Fausel relata que:

A industrialização propriamente dita, liga-se sempre, ao fornecimento da força. O diretor Faulhaber sabia-o perfeitamente e, já em 1910, pôde relatar: “Afim de facilitar, da melhor maneira possível, a evolução da indústria, não fixei preços mais elevados para colônias que dispõem de força hidráulica. Comprometo, todavia, o comprador, por contrato, a instalar e a fazer funcionar uma instalação industrial no prazo de um ano, em caso contrário o preço é elevado por 600\$000. Dêste modo favorecemos o desenvolvimento da industria e afastamos pessoas que querem aproveitar as quedas d’água para fins especulativos .” As bases para o desenvolvimento industrial de mais tarde, foram, portanto, lançadas, há 40 anos, pelo diretor Faulhaber. Tal contrato, por exemplo, foi feito com Carlos Knorr, cujos descendentes possuem hoje de madeira uma das maiores fábricas de Panambi. (1949, p. 33)

Fausel (1949, p.32) assinala que “Os demais obreiros moradores na colônia (tecelões, seleiros, mecânicos, ourives, vidreiros) não exerciam o seu ofício, mas haviam se tornado agricultores”. Nos apresenta um quadro na mesma página com os ofícios de Neu-Württemberg em 1910 e 1914.

Quadro 2 - Ofícios Neu-Württemberg em 1910 e 1914

Existiam	Em 1910	Em 1914
Ferreiros	3	5
Funileiros	1	1
Alfaiates	1	4
Sapateiros	1	2
Seleiros e Curtidores	2	3
Pedreiros	0	2
Fabricante de Carroça	2	2
Marceneiro e Carpinteiro	7	10
Fabric. De charrutos	0	1

Figura 10 - Trabalho em metalurgia (forja)



Fonte: Meyer, 1906 p. 13 - MAHP

A figura acima apresenta já a colônia, com apenas sete anos da chegada dos primeiros colonos, com serviços especializados de metalurgia para a construção de carroças e de outros implementos para agricultura.

No depoimento do APE1 destacamos o seu reconhecimento desta diferenciação na constituição da colônia tendo em vista que boa parte dos imigrantes terem vindo com um ofício já aprendido na Alemanha. Conforme ele destaca:

Eu vou dizer uma coisa, eu tenho a impressão que Panambi, nesse caso, é um exemplo [...] você imagina que os homens que vieram de fora eram uma turma de colonos que por causa da guerra na Europa, tinha que procurar outros países, **o grande fator é que eles tinham muito conhecimento**. Eles vieram aqui para Panambi e começaram a discutir o nosso progresso, o Faulhaber o Kepler todas essas família e ali surgiu uma ideia de trabalho, pois tinha que funcionar com trabalho, tem que funcionar na base da qualidade do produto. (grifo nosso)

O relato do EMP2 nos trás a realidade do trabalho árduo na constituição de sua empresa com o trabalho de toda família e do desenvolvimento das outras empresas da localidade

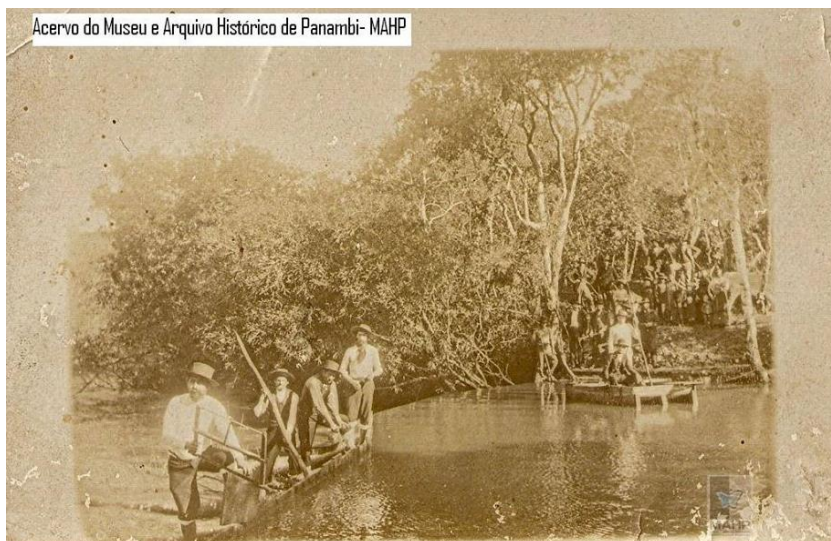
Ai o pai começou com essa oficina e aquilo foi se falando, tinha um problema e logo se falava: lá em Panambi tem um alemão lá, o cara resolve o problema. [...] Nós tínhamos **desde criança que limpar a oficina, varrer a oficina, fazer esses serviços mais comuns, lavar peças**. Meu irmão também fazia a rebobinagem de motor. Os irmão Kepler já estavam fazendo máquinas, já estavam fazendo motor, na época também tinha o Rehn que já tinha fábrica, fabricava carroceria e depois essa fábrica queimou essa fábrica se incendiou e era grande. (grifo nosso)

No relato do AP4 temos que:

[...] o empreendedorismo em Panambi surgiu pela falta, principalmente de ferramentas pro pessoal trabalhar. Ai tem que lembrar que na Alemanha, Alemanha antes da guerra, pós primeira guerra mundial, havia um sistema de aprendizado e todo mundo aprendia uma profissão. [...] fazia parte da educação, quase que da educação fundamental dele, um estágio de dois anos em uma indústria. Então todos os primeiros imigrantes que chegaram em Panambi, eles tinham além de conhecimento agrícola, que era até meio desfocado, porque a realidade deles na Alemanha de agricultura era bem diferente que a do Brasil. Eles encontraram aqui no Brasil uma situação totalmente diferente. Então, muitos deles se dedicaram a indústria, assim surgiu a Kepler. [...] ele tinha ferraria, ele começou tendo que ferrar cavalo. Tendo que fazer ferramentas, enxadas, pás, ai foi evoluindo. Ai começou a surgir um comércio e o cooperativismo muito forte naquela época. Panambi teve uma das primeiras cooperativas.

O espírito comunitário pode ser demonstrado na figura abaixo onde temos a participação de todos para a construção de represa para geração de energia hidráulica e elétrica a qual foi um marco importante na primeira década do século XX e forneceu o alicerce para o desenvolvimento de Neu-Württemberg.

Figura 11- Construção de taipa nas proximidades do moinho velho.



Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

Este espírito comunitário, embora possa parecer estranho, se manifesta na relação das empresas entre si, pois estas que se desenvolveram em Panambi-RS não competiam entre si, cada uma se ocupava de uma manufatura e muitas vezes agiam em prol umas das outras. A informação do AP1 nos revela que:

Um ensinava o outro, eu lhe dizia, a certa altura chegou como controlar a temperatura do grão no cilo. Bom, nós não vamos fazer isso, quem vai fazer é o Fockink. Fomos juntos, fomos juntos aos Estados Unidos. Eles fizeram um acordo e aí, era produto deles e não nosso. Uma outra que usufruiu dessa nossa indicação, numa dessas nossas viagens, agora sim para a Alemanha, nós tropeçamos numa firma de levantar e descarregar caminhões e ligamos para o Saur: olha, tá fora da nossa área de ação, assim, vai lá e hoje, olha, o Saur é o líder na América Latina desse produto, mas mérito do Saur. (grifo nosso)

A família como célula geradora deste espírito de empreender na comunidade nos é relatado pelo APE1.

Não houve esses espírito de formação de um processos industrial na base dos financiamentos internacionais, como hoje se faz. **Naquela época o processo era a organização da sociedade era através da família, através do trabalho, através da escola**, base de tudo isso, as pessoas serem conscientes do processo de trabalho, formarem a sua família nessa base acho que isso sim é uma coisa que até hoje funciona não mais como finalidade, mas como meio, mas está ai, ainda vão alguns anos até que isso apareça.

Assim todos, não se pode dizer que tenha alguém, com maior ou menos, podemos dizer que todos tornamos uma sociedade muito competente e do trabalho fazer nascer a familiaridade e a partir disso tudo surgiu espontaneamente, por que? **Porque havia muita união, interesse pela convivência.** (grifo nosso)

Como afirma o AP4 “acho que nós temos hoje ainda uma herança, tá no nosso DNA, eu diria, o empreendedorismo”. Tal assertiva corrobora todos os estudos que se fazem sobre a “cidade das máquinas” onde apresentam a vinculação entre a colonização e o desenvolvimento de Panambi-RS, discurso este corroborado pelo APE1 e pelo AP4,

O empreendedorismo é uma herança, na verdade é um modelo que se criou pelos antigos que tinham necessidade de ser empreendedores. Uma viagem pra Cruz Alta levava um dia, um dia para ir e outro para voltar. (AP4)

[...] hoje se pensa empreendedor o camarada que está na ponta de uma indústria então se diz que são empreendedores, né? Vocês já imaginaram o empreendedorismo dentro da alma daqueles que saíram da Alemanha, no século passado, atravessaram o oceano e vieram se estabelecer aqui. O que de espírito de luta e de trabalho conseguiu se realizar, sem ter nada? Isso na minha opinião é uma vontade de progresso. E aí então são os alemães que tem isso. (APE1)

A figura abaixo nos mostra a diversidade empreendedora onde em um único empreendimento temos vários ramos distintos de produção.

Figura 12 - Empreendimento família Knorr (década de 1910)



Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

Esta necessidade de vencer barreiras impostas pelo meio que os cercava impeliu os imigrantes a buscar alternativas. A escola e a Igreja aglutinavam a comunidade e mantinham firme o espírito de união. A empresa colonizadora proporcionou meios para suscitar o empreendedorismo. A constituição desta figura

de empreendedor conforme nos propõe Schumpeter (1997) é forjada pelas circunstâncias apresentadas. Esta conjugação de fatores propiciaram o progresso e desenvolvimento local diferenciado de outras colônias. Este progresso e desenvolvimento é que passamos a apresentar a seguir.

5.3 Desenvolvimento Local

Os imigrantes trouxeram consigo o discurso da modernidade já corrente na Europa. Progresso e desenvolvimento eram as palavras de ordem ditadas pela nova ordem implantada pela revolução industrial. Neu-Württemberg era uma colônia modelar, pensada e construída para refletir o que de novo havia na Alemanha. Conforme nos diz Limberger,

As idéias de trabalho e progresso foram, dessa forma sendo elaboradas e difundidas. A maior parte das narrativas historiográficas sobre Panambi inclui nas biografias de colonos, como no caso de Carlos Knorr, essas qualidades. Mesmo que se acredite que a presença das concepções do trabalho e do progresso se constituiu numa representação daquela realidade histórica, evidentemente de que havia no mundo social daquela localidade uma preocupação concreta com o desenvolvimento/crescimento econômico das famílias. O fato de a maior parte de a população ser adepta, em nível religioso, do protestantismo, contribuiu decisivamente na construção destas concepções. (2005, p.40)

Energia, transporte e comunicação já estavam presentes na colônia já nos primeiros anos da década de 1910. A energia elétrica gerada pelo locomóvel e pela represa do Moinho, a instalação do Correio, o acesso à estação de trem e a vinda de uma linha telefônica foram diferenciais que propiciaram o desenvolvimento dos empreendimentos locais que começaram a poder ter acesso a matérias primas e a outros mercados para vender seus produtos.

A economia da colônia e depois também do município de Panambi, caracterizou-se pela diversificação das atividades econômicas. Ao lado da pequena propriedade e da agricultura familiar, típica deste modelo de colonização, ocorreu um processo de desenvolvimento de setores econômicos tipicamente urbanos.

O dinamismo das atividades industriais da colônia prosperou também em outras atividades e, para períodos posteriores da história do município.

Os setores de serrarias, fabricação de móveis, moinhos, engenho de arroz, de erva-mate e cachaça, funilarias, ferrarias, fundições, bebidas, curtumes e olarias, cuja produção abastecia o mercado interno e arredores. (LIMBERGER, 2005, p. 39; 41)

O EMP1 nos revela alguns aspectos da questão do desenvolvimento da energia e sua implantação em Panambi-RS.

Dali então teve a ideia de fazer uma usina, pra produção de energia elétrica. Todos os contatos com a Alemanha era com a Siemens [...] e tu vê o tipo de comunicação e tudo, como é que eles conseguiam.

Ai um detalhe, chamavam de louco, porque tinha uma babilônia de energia e o que esse Knorr pensava, quem é que ia consumir essa energia? Se outros não consumirem, eu vou tentar consumir ela. Foi quando ele voltou a Panambi, quando ele comprou essa área aqui e se estabeleceu com o moinho e a serraria. Dai não justificava mais ele ficar lá, ai veio para cá. [...] eu sei que era uma turbina de 150 KBA em 1926 começou a funcionar. Essa é a data do inicio da energia elétrica. Antes disso, lá no centro de Panambi quem fornecia a energia lá por volta era a Kepler Weber. [...] É, mas a partir do locomóvel.

Essa turbina, ela tinha um problema de regulação, não funcionava de acordo, e o engenheiro da Siemens disse: senhor Knorr, não se preocupe que a gente vai mandar gente lá e se tiver problema, se constatar problema, nós vamos substituir o equipamento. Problema de regulação de turbina tem a ver com queda, pressão e o tipo de máquina que tu vai colocar. Certamente houve um problema, porque eles se prontificaram a trocar a máquina. Problema de rotação, é o normal. Ai na troca da máquina, o avô perguntou assim: se eu quiser aumentar a potência, eu pago a diferença e tal. Há possibilidade? Há sim. Dai de 150 foi para 250, tu vê que isso quase dobrou.

Figura 13 - Usina de Arroio Alegre, fundação em 27/09/1926



Fonte:

[http://www.hidropan.com.br/site/ver.php?codigo=3579#prettyPhoto\[gallery1\]/4/](http://www.hidropan.com.br/site/ver.php?codigo=3579#prettyPhoto[gallery1]/4/)

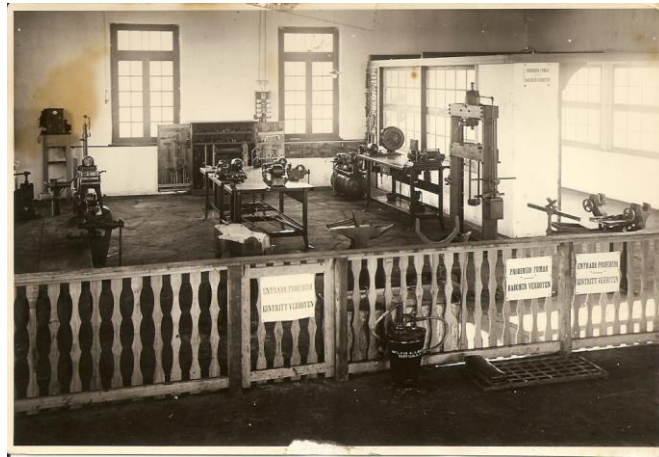
A vocação para a indústria e o desenvolvimento de Panambi-RS deu-se tanto nas áreas de agricultura com mecanização como na área urbana onde a energia elétrica movimentava as indústrias.

Ai depois, já em 1915, ele adquiriu já uma turbina, essa que está aqui na frente. Essa é uma turbina, também com eixo cumprido, quer dizer, era uma turbina só para o acionamento de máquinas, sem gerador. (EMP1)

[...] meu pai sempre trabalhou com máquinas agrícolas, meu pai não era de trabalhar com boi não, ele era sempre de inovação (AP 2)

As Figuras 14 e 15 abaixo nos mostram uma indústria em 1926 e seus implementos agrícolas em demonstração em uma propriedade.

Figura 14 - Oficina Leopoldo Hepp



Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

Figura 15 - Demonstração implementos agrícolas Leopoldo Hepp



Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

No ano de 1930 foi realizada uma grande exposição das indústrias de Panambi-RS, as Figuras a seguir mostram um pouco da diversidade da produção e

da participação da comunidade. Um detalhe a ser notado nas fotos é a presença tanto de indicações como de faixas em língua alemã e em português, porém com predomínio do germanismo.

Figura 16 - Feira 1930



Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

Figura 17 - Produtos Faulhaber e Hemesath



Fonte: Arquivo pessoal Cecília Grams

Figura 18 - Feira 1930



Fonte: Arquivo pessoal Cecília Grams

Figura 19 - Feira 1930



Fonte: Arquivo pessoal Cecília Grams

Figura 20 - Feira de 1930: equipamentos extração de mel



Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

Figura 21 - Vista parcial interior da feira de 1930



Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

Figura 22 - Feira de 1930: indústria de tecidos



Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

Figura 23 - Feira de 1930: Marcas de café locais

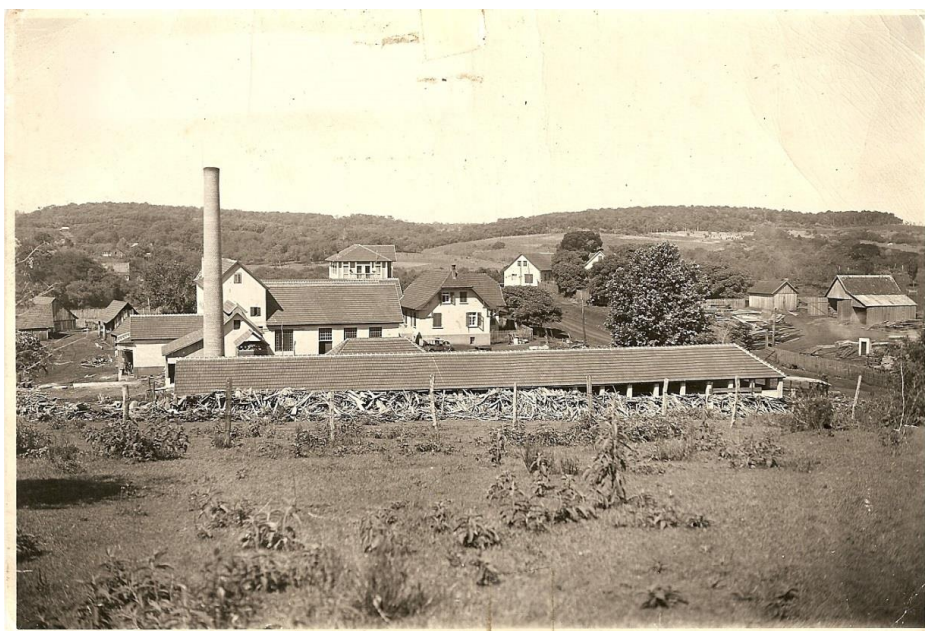


Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

As figuras acima que mostram um pouco da Feira de 1930 demonstram que a colônia além de produzir alimentos tinha um parque industrial diversificado com indústrias de metalurgia e transformação de produtos agrícolas, alguns como café não eram produzidos localmente, mas trigo, milho, arroz e suínos eram produtos

locais. A figura abaixo mostra a dimensão de uma indústria de alimentos a Hemesath.

Figura 24 - Indústria Hemesath



Fonte: Museu e arquivo Histórico de Panambi

O desenvolvimento local era tamanho que pessoas vindas da capital do Estado e de outros grandes municípios ficavam admiradas de verem no interior tamanho desenvolvimento. Conforme nos relata o AP2:

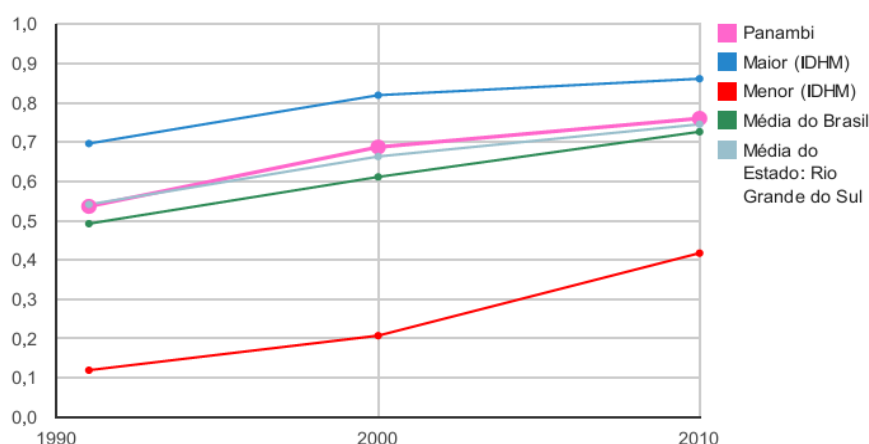
Era Porto Alegre, São Leopoldo e Novo Hamburgo e depois dessas vinha Panambi. Em 1945 teve um encontro aqui de mulheres da igreja e gente, as mulheres que vieram de outros lugares para cá, elas não queriam mais ir embora, eram 3 ou 4 dias eu escrevi isso em ata, né? Aqui tinha teatro, musicalidade, poesia, canto coral como só tinha em Porto Alegre e São Leopoldo. As pessoas não queriam mais ir embora, eles não acreditavam que aqui no meio do mato podia existir isso e isso graças a escola, a Maria e sabe mais a quem? A Maria mandava trazer da Alemanha professores para dar aula do terceiro grau.

O desenvolvimento local e a prosperidade trazida pelo sucesso dos empreendimentos foram usados na campanha de emancipação do município. Conforme Keske (2011),

Durante o processo emancipatório, segundo momento em que, pontualmente, Panambi precisava afirmar-se em meio a um discurso coeso, e para tanto recorreu à sua imagem de cidade do trabalho, cidade do progresso, economicamente estável, convocando todos os moradores locais a defendê-la nesta forma. (p. 62)

O gráfico mostra a evolução do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Panambi-RS entre 1990 e 2010 e apresenta um crescimento acima das médias estadual e brasileira. Pode-se dizer que o dinamismo de sua economia e o acesso a educação foram preponderantes para tal situação.

Gráfico 2 - Evolução IDH Panambi



Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano Brasil 2013.

Como a maioria dos municípios colonizados por europeus vindos para o Brasil no século XIX Panambi-RS apresenta em um primeiro momento um desenvolvimento local voltado para a manutenção da própria colônia. O que diferencia o seu desenvolvimento endógeno é a sua industrialização que logo alcança contornos regionais. Este se deu através do desenvolvimento das potencialidades e da organização da sociedade local (família, escola e Igreja) que potencializaram as ações da comunidade e o ideal de progresso e trabalho converteram-se em um objetivo comum.

Tais condições tiveram influência nos aspectos produtivos (agrícolas, industriais) inicialmente, mas a coesão local dada pela Germanidade fez com que o desenvolvimento abarca-se as dimensões sociais e culturais trazendo um desenvolvimento singular. Estas características são tidas como fundantes de um desenvolvimento local tanto para Barquero (2001) quanto para Becker (2000,2001 e 2010) corroborando o apresentado por Schumpeter (1997).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer a leitura da cidade de Panambi-RS exigiu uma reeducação no olhar, pois estamos impregnados da realidade que nos cerca e sempre corremos o risco de deixar passar algum detalhe que já nos é tácito. Para poder dar conta de caracterizar a existência de um *habitus* empreendedor na cidade de Panambi-RS buscando verificar a influência de um *habitus* empreendedor na constituição do desenvolvimento de Panambi-RS a partir dos seus agentes sociais, políticos e empresariais, e estabelecendo a relação entre empreendedorismo, desenvolvimento e *habitus*, propomos diretrizes para o planejamento de ações do poder público para o desenvolvimento local tivemos que buscar compreender as representações de Panambi-RS que falam sobre o progresso, as tradições, o imaginário dos habitantes buscando fragmentos expressos nas falas dos entrevistados e nas imagens que falam sobre o passado, na tentativa de aproximar-se do imaginário coletivo que resultou no processo de desenvolvimento local diferenciado.

A Colônia de Neu-Württemberg, atual município de Panambi-RS, é o resultado do projeto de colonização privada fundada em 1898 pela Empresa de Colonização do alemão Dr. Hermann Meyer. Como colônia modelar atraiu imigrantes vindos diretamente da Alemanha e de descendentes de alemães vindos das outras colônias já estabelecidas no Estado do Rio Grande do Sul no início do século XIX.

Esta homogeneidade da etnia alemã criou um conjunto de características identitárias que - tendo no sentimento de pertença e na partilha de um passado comum cujos valores éticos e morais sempre foram valorizados como requisitos fundamentais aos integrantes da comunidade -, solidificam o *habitus* e favorecem o desenvolvimento local. No entrelaçamento entre *habitus* e desenvolvimento local podemos entender a identificação da comunidade com as ideias de trabalho e de progresso como elementos fundantes de seu cotidiano. A religiosidade desempenha um papel fundamental como amalgama desta relação e a preocupação com a educação e a cultura através de atividades como teatro, sociedade de canto, sociedade de tiro, biblioteca e festas reforçam esta identidade.

A identificação da cidade como sendo alemã, evangélica e voltada ao trabalho está presente na memória e na identidade da localidade frente aos demais

municípios da região. O desenvolvimento e empreendedorismo de indústria local contribuíram para reforçar e difundir o imaginário social. As pesquisas *stricto sensu* realizadas e as obras locais sobre Panambi-RS mostram que ao longo do século 20 reforçam a relação da colonização com Igreja e, vinculada a ela, a escola que garantiram a preservação da cultura alemã gerando o *habitus* (Germanidade), empreendedorismo e o desenvolvimento local.

6.1 Conclusões e implicações

A análise buscou responder a existência de um *habitus* presente na constituição do empreendedorismo e do desenvolvimento diferenciado de Panambi-RS através da análise documental, depoimentos de agentes privilegiados e entrevistas com dirigentes de empresas do setor industrial cujas empresas possuem mais de 65 anos de atividade e que apresentam, até o presente momento, inserção regional e nacional e internacional com atuação em variados segmentos, como: energia; metalmecânico; óleos; plásticos; componentes elétricos; irrigação; moveleiro; madeireira.

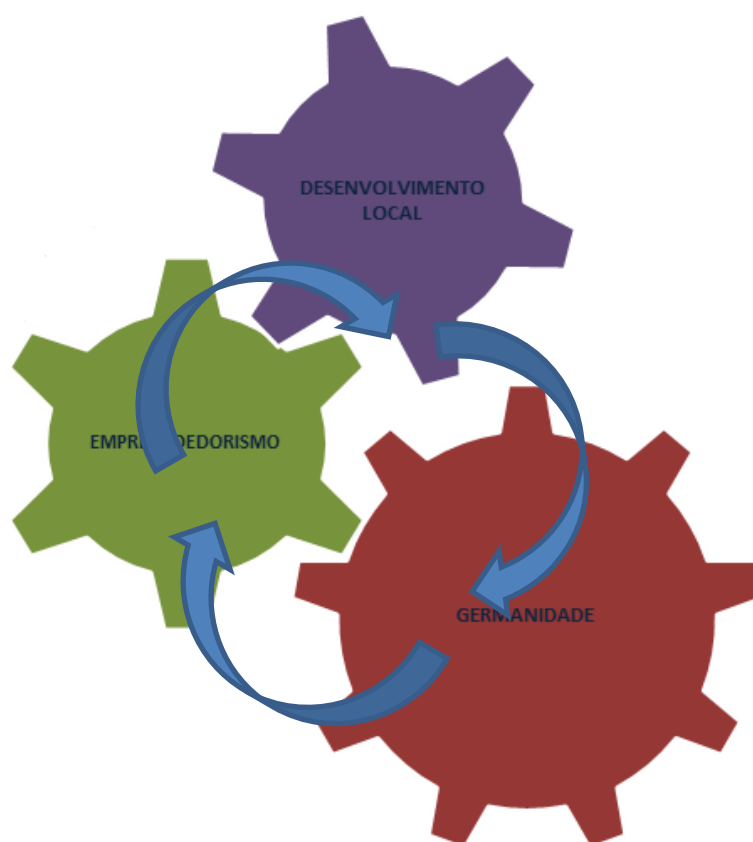
Nossas reflexões sobre a existência de um *habitus* empreendedor que se reflete no expressivo número de indústrias com mais de sessenta e cinco anos de fundação na cidade de Panambi – RS salientam alguns aspectos da sociedade originária da colonização, a qual se caracteriza pela reprodução de referenciais culturais, pela profusão e circularidade da informação sobre a mãe pátria (Alemanha), as quais ocupam um papel central na formação ética, estética e identitária da comunidade de Neu-Württemberg. Entendemos que o processo de formação social e, em decorrência disso, o processo de estabelecimento do *habitus* empreendedor no seio da sociedade de imigrantes como um processo que apresenta uma configuração singular que aproxima o pensamento de Schumpeter, Barquero, Becker e Bourdieu.

A particularidade vivida e experimentada pelos agentes sociais que colonizaram Panambi-RS criaram um sistema de esquemas e construções sociais que, embora em constante adaptação às informações do mundo globalizado, mantém presente a relação entre germanidade, empreendedorismo e

desenvolvimento. Nesse sentido, o *habitus* da sociedade de Panambi-RS é um produto de relações que constroem e constroem a matriz relacional e processual que constitui a dimensão do desenvolvimento local e do empreendedorismo.

A Figura 25 abaixo, já apresentada no capítulo anterior é a síntese de nossos achados.

Figura 25 - Imbricamento dos Temas



Fonte: Elaborado pela autora

O estabelecimento desta correlação entre germanidade, empreendedorismo e desenvolvimento local nos leva concluir que dos três elementos fundantes da germanidade a educação é o que está deficitário. A educação com o processo de estabelecimento do acesso público a mesma perdeu sua qualidade e seu papel na

formação de empreendedores – hoje se formam apenas operários para trabalhar nas indústrias fornecendo o mínimo de conhecimento.

Como nosso mestrado é profissional requer além da discussão de alguns aspectos teóricos a proposição de ações para serem aplicadas na realidade de nosso município, assim para encerramos nossas reflexões, entendemos ser necessário uma revisão do processo educativo municipal com a inclusão de atividades que contemplem:

1. Oferecer acesso ao ensino da língua Alemã nas escolas municipais de educação fundamental aproveitando a cultura local;
2. Possibilitar o intercâmbio de estudantes selecionados por meritocracia, com a Alemanha, através da promoção de ações de fortalecimento das relações institucionais com o Estado de Baden-Württemberg;
3. Realizar estudos e agilizar a implementação de instrumentos que permitam a garantia de um fluxo contínuo professores da rede municipal para a Alemanha e proporcionar a vinda de professores alemães para trabalhar na rede municipal de ensino, reestabelecendo assim um hábito do passado;
4. Buscar parcerias elaborando convênios instituindo parcerias de cidades irmãs com a Alemanha;
5. Aprofundar as discussões sobre a historia do município o papel da escola na formação de empreendedores no município.;

6.2 Limitações do estudo

O percurso da pesquisa mesmo diante de alguns limites como tempo de realização da mesma, falta de acesso aos arquivos da Associação Industrial e Comercial, disponibilidade de tempo de alguns dos entrevistados e da insegurança que todo processo de pesquisa causa quando é realizado pela primeira vez representou um grande momento de reflexão sobre os ensinamentos acadêmicos a cerca do desenvolvimento endógeno.

Fica como uma proposta de futuros estudos na área de empreendedorismo étnico estabelecer conexões com as colônias alemãs brasileiras e as africanas do mesmo colonizador Dr. Hermann Mayer.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Porto, Portugal: Edições 70, 2011.

BARQUERO, Antonio Vásquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. EDITORA: UFRGS, PORTO ALEGRE, 2001.

BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010, p. 189-217.

BECKER, D. F. A economia política do Vale do Taquari: uma análise da dinâmica do processo de desenvolvimento regional. **Estudo & Debate**, Lajeado, ano 1, n. 1, p.1-42, 1994.

_____. Necessidade e finalidades dos projetos regionais de desenvolvimento regional. IN:BECKER, D. Fermiano e BANDEIRA, Pedro (org). **Determinantes e desafios contemporâneos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

_____. A economia política da regionalização do desenvolvimento contemporâneo. **Revista Redes** - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul, n.3, p. 7-46, set./dez. 2001.

BECKER, Dinizar F. Wittmann, Milton Luiz. **DESENVOLVIMENTO REGIONAL ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.

Beuter, Ivo. **De Elsenau a Panambi**. Panambi, Ed. Emgrapan, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

_____. **O campo científico**. In: Ortiz, Renato (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais, n 39, Editora Ática, São Paulo, 1983a.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O CONCEITO HISTÓRICO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO**. Trabalho originalmente preparado para curso de desenvolvimento econômico na Fundação Getúlio Vargas. Versão de 2 de março

de 2006. Disponível em <http://www.bresserpereira.org.br/papers/2006/06.7-ConceitoHistoricoDesenvolvimento.pdf>. Acesso em 30/08/2012.

CAMPOAMOR, Ramón de. **DOLOROSAS Y POEMA**. Paris, Librería de Garnier Hermanos, 1892. Disponível em <https://archive.org/details/dolorasypoemaspo01camp>. Acesso em 20/02/2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **A PESQUISA QUALITATIVA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: EVOLUÇÃO E DESAFIOS**. Revista Portuguesa de Educação, año/vol. 16, número 002 .Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2003. pp. 221-236

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna. 2006. Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre, Artmed, pp. 15-41.

FAUSEL, Erich. **Cinqüentenário de Panambi 1899-1949**.s.l.: s.ed., 1949.

FREY, Márcia Rosane. WITTMANN, Milton Luiz. Gestão ambiental e desenvolvimento regional: uma análise da indústria fumageira. **Revista eure** (Vol. XXXII, Nº 96), pp. 99-115. Santiago de Chile, agosto de 2006. Disponível em: www.eure.cl/wp-content/uploads/2006/08/EURE_96_05_FREY.pdf. Acesso em 20/07/2012.

GODOY, Arilda Schmidt. **Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais**. 1995, Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV, São Paulo, Brasil.

LIMBERGER, Eliane Terezinha dos Santos. **NEU-WÜRTEMBERG: UMA COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO SÉCULO XX (RS)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, 90P. Passo Fundo 2005. Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp000582.pdf. Acesso em 10/02/2014

KEPLER, Olga. **ORIGEM E DESCENDÊNCIA DA FAMÍLIA KEPLER**. Porto Alegre: Gráfica editora Estrela Ltda, 1987.

KESKE, Cátia. **O TRABALHO E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – COMPREENSÕES A PARTIR DO (RE)ENCONTRO DE TRABALHADORES-ESTUDANTES COM A ESCOLA EM PANAMBI/RS**.Dissertação de Mestrado

apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Educação nas Ciências – Unijuí: Ijuí, 2011. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/287/C%C3%81TIA%20KESKE.pdf?sequence=1>. Acesso em 20/02/2014.

LEITZKE, Eugen. **1902 -2002 CARLOS ERNESTO KNORR E ANNA MÜDSAM KNORR CEM ANOS DA HISTÓRIA FAMILIAR EM TERRAS BRASILEIRAS**, Panambi: 2002.

MALHEIROS, Clêdi F. **A Escrita e o ensino da história de Panambi** in Panambi: Múltiplos olhares. Museu e Arquivo Histórico de Panambi. – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MEYER, Herrmann. **Ackerbaukolonien. Neu-Württemberg und Xingu in Rio Grande do Sul (Südbrasilien)**. Leipzig: Bibliographischen Institut, 1903.

_____. **Ackerbaukolonien. Neu-Württemberg und Xingu in Rio Grande do Sul (Südbrasilien)**. Leipzig: Bibliographischen Institut, 1906.

MICHELS, Sérgio E. **A Escrita e o ensino da história de Panambi** in Panambi: Múltiplos olhares / Museu e Arquivo Histórico de Panambi. – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

NEUMANN, Marguit. **DIAGNÓSTICO TERRITORIAL UMA PRIMEIRA VISÃO ESTRATÉGICA DO TERRITÓRIO DE PANAMBI/RS: A INDÚSTRIA METAL MECÂNICA**. Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado em Desenvolvimento da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ/RS. Ijuí, 2008. 72 p. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=143112. Acesso em 20/07/2012.

Neumann, Rosane. **O PROJETO DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO DA COLONIZADORA MEYER EM IMAGENS FOTOGRÁFICAS**. XI Encontro Estadual de História. UFRGS, Porto Alegre, 2012. Disponível em http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346336708_ARQUIVO_RosaneMarciaNeumann-ANPUHRioGrande2012.pdf. Acesso em 15/12/2012.

_____. **Uma Alemanha em miniatura: o projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932)**. Porto Alegre, 2009. 2 v. 632 f. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS,

como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História. Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/15/TDE-2009-03-27T055117Z-1779/Publico/410618.pdf. Acesso em 30/08/2012.

NEVES, José Luis. **PESQUISA QUALITATIVA – CARACTERÍSTICAS, USOS E POSSIBILIDADES**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V.1, Nº 3, 2º SEM./1996.

OLIVEIRA, Cláudio L. de Souza; MUYLDER, Cristiana F. de. **A Academia e o Termo “Empreendedorismo” um Estudo Bibliométrico**. EnANPAD 2007-2008. XII SEMEAD: São Paulo, PPGA/FEA – USP, 2009. Disponível em <http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/22.pdf>. Acesso em 20/11/2012.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.

PNUD. **Atlas de Desenvolvimento Humano Brasil 2013**. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/panambi_rs. Acesso em 20/02/2014.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SANT'ANNA, Anderson de Souza. Souza, Iago Vinícius A. **A sociologia de Bourdieu: aplicações e potencialidades em pesquisas em administração**. XXIII ENANGRAD: Bento Gonçalves, 2012. Disponível em: <http://anais.enangrad.org.br/resources/media/artigos/tga/02.pdf>. Acesso em 20/01/2013.

SANTOS, Vilson Ribeiro. O homem e sua circunstância: Introdução à filosofia de Ortega Y Gasset. **Μετανόια**, São João del-Rei, n. 1, p. 61-64, jul. 1998/1999. Disponível em <http://www.funrei.br/revistas/filosofia>. Acessado em 15/07/2010

SAUL, Renato. **A MODERNIDADE ALDEÃ**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1989.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. Coleção os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Disponível em <http://doutorlinux.com/pesquisas/bibliografia/SchumpeterTDE.pdf>. Acessado em 30/07/2012.

WEBER, Max. **A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

WEGNER, Douglas; WITTMANN, Milton Luiz; DOTTO, Dalva M. Righi. REDES DE EMPRESAS NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE DE RESULTADOS COMPETITIVOS E FATORES DE DESENVOLVIMENTO. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**. UFPE. v. 4, n. 1, Jan./Abr. 2006 – P. 74-90. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/gestaoorg/index.php/gestao/article/viewFile/53/46>. Acesso em: 01/03/2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - CONTRATO TELEFONIA

Contracto

Contracto que fazem a Empresa de Colonisação - Dr. Herrmann Meyer, representada pelo senhor Hermann Faulhaber e a Empresa Telephonica de Cruz Alta, representada por o seu proprietario, senhor Achylles Couto, como abaixo se declara:

1.^a A Empresa Telephonica obriga-se a construir de uma linha telephonica entre a colonia Neu-Württemberg e a cidade de Cruz Alta, dada-a construida e prompta para funcionar no dia 28 de Fevereiro de 1911.

2.^a A linha telephonica terá na nova estação da viação ferrea, perto do kilometro 194, entre as actuaes estações de Lagoão e Porongos, de forma que ali possa ser collocado, logo depois da inauguração da nova estação, um aparelho para serventia do despachante indicado pelo Director da colonia.

3.^a A Empresa Telephonica é obrigada a conservar a linha, sempre em optimo estado e attender com cuidado o serviço na parte comprehendida entre esta cidade e a nova estação a construir-se entre as estações de Lagoão e Porongos. No trecho comprehendido entre a nova estação a construir-se e a sede da colonia a conservação da linha ficará ao cargo da Empresa de Colonisação - Dr. Herrmann Meyer, sendo que para essa conservação a Empresa Telephonica entrará com o material necessario



ANEXO A - CONTRATO TELEFONIA

No que se refere a conservação e concerto de aparelhos ficará tudo ao cargo exclusivo da Empresa Telephonica. A mesma Empresa Telephonica fica obrigada a conservar este ultimo trecho de linha, assim como os aparelhos telephonicos de toda a linha a construir-se, sempre em optimo estado e attender com cuidado todos o serviço.

4.^a A Empresa de Colonisação - Dr. Herrmann Meyer, obriga-se, no prazo do contracto a manter dentro da colonia 9 assignantes sendo que um destes assignantes o senhor Minoly Amorim ficará encarregado do centro telephonico gosando por esse serviço isenções de mensalidades e installações, enquanto for encarregado do serviço.

5.^a A Empresa de Colonisação fica isempta, digo, fica obrigada a depositar proximo a construcção da linha entre Cruz Alta e Neu-Württemberg todos os postes necessarios para esse serviço, na proporção de 12 postes, mais ou menos, por kilometros de linha a construir-se, sempre proximo a estrada geral.

8.^a O prazo para duração do presente contracto será de 3 annos á contar da data da inauguração.

9.^a Si porventura surgirem desintelligencias entre as partes contractantes, servirá de arbitro ~~seu~~ Intendente Municipal, como representante da Intendencia de Cruz Alta.

10.^a Para o caso de qualquer das partes contractantes não cumprirem o estipulado nas clausulas deste contracto fica estabelecida



APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Ser empreendedor não é para uma pessoa qualquer e nem depende de formação escolar. Como se deu o seu processo de ensino/aprendizagem?
2. Qual é a origem da empresa? E onde o senhor se insere no processo?
3. A sua empresa superou inúmeras grandes crises Brasileiras e mundiais, como elas repercutiram em sua empresa?
4. Principais eventos internos e externos que contribuíram para que a empresa seja o que é hoje?
5. Quais as grandes mudanças na empresa? Como elas ocorreram? Foram planejadas ou não?

Anos e situações em que os produtos começaram a ser produzidos? O por que da mudança? Como ocorreram mudanças, surgiram limitações e novas necessidades (projetos, máquinas, matéria-prima, mão de obra, capacitação), estas como foram contornadas? O conhecimento técnico para o desenvolvimento da inovação era buscado onde? De que forma?

6. Existiam contribuições externas como orientações ou agências de desenvolvimento? Como, quem, quando e em que período? Terminou? Era público ou privado?
7. Que fatores estruturais propiciaram o desenvolvimento da empresa em Panambi?
8. A longevidade de um empreendimento pressupõem a excelência de produtos e meios de produção. As empresas estavam inseridas no contexto de mobilidade restrita tanto em fornecimento de matéria-prima, como em conquistas de novos mercados e no acesso a novas tecnologias, esta privação não impediu um contato com a Europa, ou seja a “busca de conhecimento global” de novos produtos e utilização da energia. Com isto podemos pressupor que as indústrias locais desde o principio eram internacionalizadas?
9. A história nos diz que Panambi foi colonizada por imigrantes luteranos, católicos e batistas, vindos em sua maioria de Württemberg. O fundador da sua empresa pertencia a uma destas religiões? De qual região da Alemanha ele veio?
10. É comum em nossa cidade participar da vida comunitária, esta é uma herança cultural que recebemos de nossos antepassados. O fundador da empresa e seus sucessores tinham e mantém o hábito de participar da vida comunitária? Caso afirmativo em qual delas: Sociedades recreativas; Clube de Tiro; Sociedade de lançadores/ coral; grupo de dança; tiro de guerra; auto defesa (“Selbstschutz”); política; sociedade beneficente; comunidades religiosas; clube de futebol; bandas musicais; bolão; xadrez; nado; sociedades representativas de classe;

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: *Habitus* e empreendedorismo local: o caso de PANAMBI-RS.

Pesquisador responsável: Rosani Zachow

Instituição/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Administração -
Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Públicas

Telefone para contato (inclusive a cobrar): (55) 84120966

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

A pesquisa terá como tema o empreendedorismo e o desenvolvimento local tendo como objetivos:

A) Geral:

Identificar o *habitus* empreendedor industrial da cidade de PANAMBI-RS a partir dos seus agentes sociais, políticos e empresariais em diferentes períodos históricos do município.

B) Específicos:

- 1) Verificar relações do *habitus* empreendedor com diferentes períodos da evolução industrial da cidade de PANAMBI-RS;

2) Investigar a influência do *habitus* empreendedor com as políticas públicas no desenvolvimento das empresas nos diferentes períodos da evolução do município de Panambi;

3) Estabelecer a relação entre empreendedorismo, desenvolvimento e *habitus*.

A entrevista será gravada e o que você disser será registrado para uso restrito desta pesquisa.

♦ Garantia de sigilo: Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, representantes do patrocinador (quando presente) Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo).

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **HABITUS E EMPREENDEDORISMO LOCAL: O CASO DE PANAMBI-RS**, como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li descrevendo o estudo. Eu discuti com a Mestranda Rosani Zachow sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Local e data:

Nome e Assinatura do entrevistado:

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Santa Maria _____, de _____ de 20____

Pesquisador responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:
Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima,
nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55)3220-8009
Email: comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br. Web: www.ufsm.br/cep